

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

Departamento de Artes Visuais

Gravando Fotografias Memoráveis

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Discente: Angela Venturella Alves

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maristela Salvatori (Orientador)

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern

Profa. Dra. Helena Araujo Rodrigues Kanaan

Porto Alegre, RS - dezembro de 2015

A arte desempenha um papel fundamental, o de tornar possível o restabelecimento da unidade entre a parte e o todo, o finito e o infinito, da qual surge uma profunda "satisfação da alma".

(Schlegel, 1963)

RESUMO

Com este trabalho busco preservar memórias através da fotogravura, gravando na chapa de cobre fotografias que têm ou tiveram relevância para a minha trajetória de vida e que de alguma forma descrevam e registrem meu percurso poético dentro do atelier de gravura deste Instituto de Artes.

PALAVRAS-CHAVE

Fotogravura, percurso, registro, memória.

ABSTRACT

With this work I seek to preserve memories through photogravure, recording in photographs copper plate that have or had relevance to my life story and that somehow describe and record my poetic journey inside the engraving workroom of the Institute of Arts.

KEYWORDS

Photogravure, route, record, memory.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
PROCESSO e PERCURSO.....	6
SÉRIE FACHADAS E INTERIORES	23
SÉRIE RETRATOS	36
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	46
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS.....	51

APRESENTAÇÃO

Neste projeto procuro abordar os recursos da técnica de gravura em metal quando é utilizada a fotografia como imagem a ser gravada, através da simplificação técnica ou também chamada técnica alternativa, para a fixação da imagem fotográfica na placa de metal, no caso o cobre. É a chamada fotogravura simplificada, pois se vale de materiais alternativos, de menor custo, e talvez menor toxicidade para sua execução.

A fotogravura permite a preservação, o registro e a impressão de memórias, mantendo vivas lembranças corriqueiras, sendo também uma forma singela de documentar com artisticidade alguns elementos que compõem meu conjunto de predileções, formado por pequenos objetos, prédios da cidade, pessoas do cotidiano, e tudo isso com uma poética sedutora para mim.

Desenvolvi diversas séries de gravuras a partir de matrizes obtidas pela simplificação da técnica de fotogravura, meio de homenagear personalidades e pessoas que me cercam e ou que admiro, e enaltecer estruturas da arquitetura local.

Na execução do trabalho poético infelizmente nem tudo aquilo que foi planejado pode ser executado. Muitas restrições foram impostas por logística e algumas outras por falhas do plano ele mesmo.

Escolhi fotos do meu cotidiano, clicadas do celular, como ponto de partida. As casas antigas com suas fachadas majestosas, a cúpula da Catedral, a velha igreja de Torres, o DKW antigo na garagem da dona Yara, o teto magnífico da Fundação CEEE, a fachada do Colégio Rosário, e fotos batidas enquanto assistia a um bom filme ou antigos musicais em DVDs.

As fotografias que gravei durante o percurso deste trabalho já estavam gravadas no meu imaginário e foram apenas decalcadas no papel, transformando-se assim em provas físicas das minhas memórias.

PROCESSO E PERCURSO

Trabalhar com a plasticidade das poéticas visuais requer inúmeras adequações com o imprevisto. O estímulo e a referência de minha orientadora, a gravadora que carinhosamente é chamada de “Metaleira Mor”, Dr^a. Maristela Salvatori, minha professora “alfabetizadora” na arte da gravura em metal, com quem venho aprendendo muito durante todo o percurso dentro desta instituição de ensino, são um alento e um exemplo a seguir! A presença da Dr^a. Helena Araujo Rodrigues Kanaan, e da incansável pesquisadora Dr^a. Daniela Pinheiro Machado Kern em minha banca, me orgulha muito pois elas impulsionam meu trabalho com seus conhecimentos e pela forte relação que têm com a arte.

Este TCC se alicerça no trabalho que venho realizando com gravuras em metal e suas variantes, desde que me deparei com as possibilidades destas, em 2009, quando ingressei no Instituto de Artes. Tento estruturar o trabalho textual relatando experiências relacionadas nesta feitura quase que compulsiva de gravuras que resultam da vivência intensiva no atelier de gravura do I.A., *a adorada sala 55*, com algumas incursões ao atelier do Museu do Trabalho e com visitas semestralmente assíduas ao atelier de gravura da Fundação Iberê Camargo.

Nas reminiscências encontro bases para afirmar que o que me move na realização desta atividade artística é a possibilidade de expressar sensibilidade gravando na chapa de metal uma imagem que me toca e que poderei imprimir inúmeras vezes. E também por que a imagem gravada no cobre bem polido me seduz de tal modo que posso considerá-la uma obra à parte e única, embora pense que, dentro do universo da reprodutibilidade, isso não seja totalmente legível ao espectador.

E na gravura todas as cópias são originais! Isso me encanta! Transporta-me para outro universo, do imaginário, onde consigo *re*-produzir um trabalho considerado satisfatório, várias vezes, sempre tentando deixar a edição o mais igual possível, mas percebendo minúsculas diferenças que dão à cópia a autenticidade de também ser única, um caráter próprio, inclusive pela numeração distinta. Então a multiplicidade de um ser único define parcialmente minha personalidade também contraditória. Eu me sinto parte integrada e natural das gravuras que faço.

Na hora da impressão é um prazer ver o papel de alta gramatura receber a tinta que se reteve nos sulcos e outras marcas do metal, prensada sobre ele; o cheiro da tinta,

a sua preparação com óleo de macadâmia, que é o que uso, e o pó finíssimo do branco de Espanha, dando a densidade que preciso e gosto para que os detalhes pequeninos possam fazer grandes diferenças. As minúcias e o simples refinamento técnico me encantam toda a vez que entro no atelier de gravura. A paciência exercitada ao extremo, pois os tempos e as características de todas as fases devem ser muito bem respeitados para que se obtenham os resultados esperados. Ao imprimir diversas cópias de uma imagem bem gravada e formar com elas a edição, insiro-me na perspectiva do fazer artístico e do pertencimento ao sistema das artes, mesmo que de forma mínima.

A seleção da imagem que será gravada é um fator de relevância. Penso que meu desenho não seja o mais adequado à gravura em metal, pois tem uma linha algo dura, mas os encantos técnicos me mantiveram desenhando para gravar, até que conheci as técnicas alternativas de fotogravuras. A transferência da imagem impressa a laser em papel para a chapa de cobre, usando apenas uma mistura de acetona e thinner, é uma técnica simples e a que mais uso. Fiz muitas e ainda não consigo identificar exata e plenamente por quê algumas, agora raras imagens, não dão certo. Elas parecem ter vontade própria de se deixar ou não imprimir! Começo a acreditar que o espírito dos sais, inexplicavelmente vivíssimo nos processos antigos de fotografia, também está presente nas fotogravuras.

Escolher a fotografia como imagem a ser gravada tornou-se minha primeira opção desde 2013, quando a possibilidade me foi apresentada. Praticamente parei de desenhar nas chapas e intensifiquei as investidas nas fotogravuras. Esta técnica tem sido minha principal ferramenta e passou a vigorar na quase totalidade de meus trabalhos de gravura em metal. A primeira escolha, insubstituível e ainda passível de acompanhar outras técnicas, produzindo gravuras híbridas e bastante instigantes.

Os desafios enfrentados para se obter uma boa imagem são inúmeros, e serviram de mote para eu continuar tentando. Esclareço que as fotogravuras executadas pelos meios tradicionais, que dão certo 100%, se mostram muito mecânicas, exatas sem as falhas, parecendo frias e sem vida para mim. Alguns defeitos e pequenas alterações que ocorrem durante a transferência e a gravação pelo método alternativo da cópia Xerox, transformam a gravura numa imagem muito mais rica, lhe dão vida nova e aparência única, pois transmitem um quê de mistério, de indecifrável.

Com esta técnica resgato minha antiga paixão, que é a fotografia, principalmente a fotografia documento. Quando a câmera fotográfica perpetua com seu *click* um instante mágico, que sei nunca mais se repetirá com a mesma incidência de luz e sombras, ainda fico encantada. Poder gravar, ou seja, proporcionar a multiplicidade desta magia com o aspecto igualmente mágico das linhas gravadas no cobre é um meio muito gratificante de fazer girar arte no circuito a preços mais acessíveis, pois a arte impressa é sempre menos onerosa e a reprodução é fator socializante.

Quando eu gravo uma imagem, ou a *fotogravo*, no caso, percebo claramente que esta imagem já estava gravada em mim, e o ato de imprimi-la na chapa de metal e no

papel (privilegio o de 300mg), é ato contínuo de um descolamento dela de minhas memórias, como se estas estivessem sendo decalcadas para arte impressa. Como se todas as imagens que produzo fossem carimbos, que estando por muito tempo aprisionados na minha memória sensitiva – ou nela gravados, finalmente conseguem no papel de impressão a própria alforria. E assim, soltos outra vez, tomam rumos inesperados, ganham vida nova e podem, divididos na edição numérica, ir bastante longe, podendo até ganhar mundo! Tudo isto acirra mais minha sensibilidade, embora, por vezes, me empolgue tanto que duvide de minha lucidez. As divagações estimulam minha fantasia e me fazem sonhar, ou seriam possibilidades reais? Trabalho tão obsessivamente que alguns devaneios me confundem em muitos momentos. Mas na gangorra onde razão e imaginação sobem e descem, a barra de equilíbrio é forte e sólida o bastante.

Um trabalho individual fatalmente esbarra nas escolhas pessoais. A fotografia me fascina desde a tenra infância e a gravura foi motivo de paixão quando comecei a manusear livros, há mais de meio século, portanto. Poder unir estas duas artes, especificamente executando a gravura em metal de uma tomada fotográfica, é absolutamente fascinante para mim. Preservar um instante único, obtido pelo *click* da máquina fotográfica, de forma plástica, gravando-o na chapa de cobre e imprimindo-o em papel de altíssima gramatura, resulta magnífico amálgama visual. Além da facilidade de editar grandes tiragens de cada chapa, há a beleza incrível dela mesma, por si só um elemento de potente impacto plástico e poético. As possibilidades de usar suportes diversificados e as tecnologias digitais juntamente com as técnicas milenares da gravura são extremamente sedutoras, pois estes fatores podem ser fontes inesgotáveis de novas experimentações.

Em novembro de 2014, sob a coordenação geral do Prof. Dr. José Quaresma, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, FABUL, idealizador do Projeto *Rhinos are Coming*, 40 artistas oriundos de três continentes foram reunidos em intensiva jornada de exposições e conferências focadas em gravura. O projeto também contou com a participação de muitos especialistas das diversas áreas históricas e científicas para comemorar os 500 anos da chegada do Rinoceronte Ganda ao continente europeu, mais especificamente à Lisboa. Este fabuloso animal foi xilografado por Albert Dürer, em 1515, tendo sido desta forma transformado em símbolo da reprodutibilidade, pois graças às cópias feitas desta gravura emblemática, sua imagem pode ser difundida pelo mundo inteiro. Ganda é, portanto, o avatar da gravura.

Exposições e conferências ocorreram simultaneamente no Brasil, na África do Sul, na Polônia e em Portugal, os quatro países que sediaram os eventos. O Brasil foi orgulhosamente representado pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, e teve aqui a curadoria da Prof.^a Dra. Maristela Salvatori. Em Porto Alegre a Fundação da Companhia Estadual de Energia Elétrica, CEEE, sediou a exposição e o ciclo de palestras e conferências. Muitos conferencistas estrangeiros se uniram aos brasileiros que abrilhantaram o evento. Livros e catálogos foram publicados

e as obras expostas passaram a integrar os acervos das pinacotecas de todas as universidades envolvidas.

Participar desta série intensa de celebrações comemorativas aos 500 anos de Ganda, foi uma oportunidade de excelência ímpar, pois acredito que eventos deste porte, envolvendo como técnica artística a gravura, impulsionam os gravadores e atraem estudantes que desta forma são estimulados a gravar também.

Poder confrontar meu próprio trabalho com o dos 39 demais artistas possibilitou-me avaliar com maior nitidez minha trajetória, induzindo-me a progredir e melhorar, além disso, produzi diversas gravuras sobre o tema. (fig.1).

A multiplicidade da arte impressa é ponto preponderante na escolha da técnica usada neste TCC, e um modo que me permitiu participar das comemorações dos quinhentos anos da chegada do Rinoceronte Ganda a Portugal. A imagem de Ganda gravada por Albert Dürer, é o símbolo da reprodutibilidade na arte impressa até hoje.

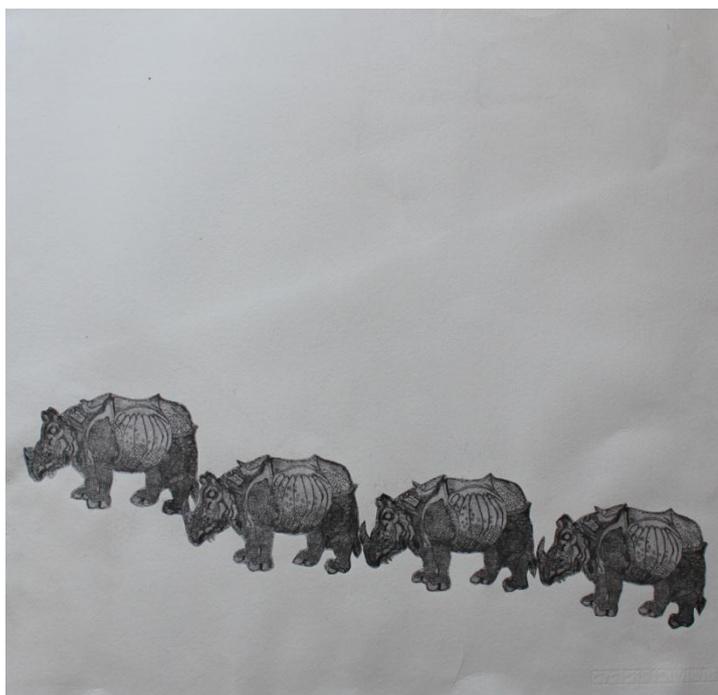


Figura 1 – Dürer, Vem vindo Ganda, 52 x 52 cm, Gravura em metal e chiné collè, 2014

Quando me propus a trabalhar fotogravuras para a conclusão deste curso, levei em conta os percursos possíveis e até onde eu poderia chegar. Talvez não devesse chamar de trabalho, mas de ato criativo, ou qualquer outra coisa gratificante e capaz de dar ânimo necessário ao prosseguimento da pesquisa. Os elementos constituintes de minha consciência estética divergem em número e grau daqueles da maioria das pessoas. Sou um pouco esquisita. Mas tentei agir de modo produtivo. Confesso que

durante o primeiro semestre deste ano ainda mantinha ilusões sobre as dimensões muito grandes das placas e sobre o uso de suportes diversos e bastante diferenciados ao invés do papel, para as fotografuras que vinha fazendo. É notório que exposições de gravura geralmente não inovam muito, embora eu pretendesse tentar inovar. Mas tive que optar por tamanhos de placa que fossem mais agilmente manuseadas no atelier e na prensa, e precisei continuar com o bom e velho papel, suporte tradicionalmente usado para a impressão de gravuras, por que seria preciso muito mais tempo para as outras novas experiências. A demanda de tempo foi grande para eu chegar até onde cheguei, tendo algum domínio sobre a técnica alternativa de fotografuras, podendo afirmar que hoje consigo obter 99% de êxito na gravação da imagem escolhida. Ainda tem este 1% de mistério, que volto a atribuir ao espírito dos sais...

Na Poética¹Aristóteles afirma o caráter imitativo da arte, pois esta é uma tendência natural que se tem no universo da arte. O uso de lentes por artistas de dá desde seu surgimento, mas o artista não imita simplesmente a natureza, por que cria um olhar particular, elabora dela um recorte significativo, singularmente, tentando formar seu próprio ponto de vista. Quando uso as lentes fotográficas para, digamos, colher um instantâneo que vou transformar em gravura, estou apenas seguindo o curso natural da busca de minha poética, criado pela possibilidade de novas formas de percepção, e ainda conforme Schlegel², estou processando aquilo que foi imitado pela fotografia, segundo as leis do meu próprio espírito.

O desafio maior desta alternativa técnica é conseguir transferir integralmente a imagem para a placa de metal. Os menores estão relacionados aos tempos de imersão da placa no mordente, - o que uso é o percloro de ferro, à qualidade e à longevidade que tem esta substância química, à justa aposição do grão de breu e sua perfeita queima, isto quando o grão é usado, pois sua utilização é opcional. As variações de umidade e de temperatura ambiente também exercem influências na técnica. Costumo pensar que estou com meia dúzia de objetos a fazer malabares. A coordenação de tempo e ações deve ser perfeita, caso contrário todo o trabalho desmorona.

Com a imagem escolhida fixada na placa por transferência, os demais passos seguem os corriqueiros da gravura em metal, o que significa também que existem muitos outros detalhes componentes imprescindíveis da gravura e suas técnicas. Da mesma forma, a qualidade do mordente e o tempo de imersão são pontos consideravelmente importantes, e têm suas próprias variações, que precisam de controle igualmente rigoroso. Dominar todos os detalhes, mesmo os menores, pode resultar na excelência da gravação e da impressão de determinada imagem.

O problema mais complexo está em transferir e gravar imagens de proporções grandes. Os fracassos são diretamente proporcionais às dimensões da gravura. Transpor imagens de pequenas dimensões, até 10 X 15 cm, por exemplo, é bem fácil. Pela minha

¹ Laizè, Hubert, 1999, artigo eletrônico, site visitado em 31/10/2015.

² Schlegel, A. W. Die Kunstlehre, E.Lohner Ed., V.1, Stuttgart, 1963.

experiência posso arriscar declarar que os problemas começam a aumentar, e muito, com imagens que tenham mais do que isso. Os passos são simples, mas os contratempos são notáveis.

Tendo a imagem negativada sido impressa e a placa de metal estando pronta para uso, a placa é colocada no berço da prensa e sobrepõe-se ali a imagem virada para a placa e nela centralizada. Com uma bucha de algodão a mistura de acetona e thinner é esfregada rápida e eficazmente sobre toda a imagem, então ela é recoberta por uma película de plástico para proteção do feltro, e se roda a prensa. Jordi Catafal e Clara Olicva³ em *A Gravura*, ensinam a rodar a prensa duas ou três vezes, mas percebi que uma vez apenas pode bastar. No mesmo livro existe a referência ao uso da cópia impressa da imagem muito rapidamente após sua saída da máquina impressora, pois afirmam que quanto mais fresca é a cópia, maior a facilidade de desprendimento do thonner para sua transferência para a placa. Contradigo esta teoria, pois neste mês de novembro de 2015 gravei uma chapa a partir de uma imagem impressa em novembro de 2013. E obtive pleno êxito com uma cópia de dois anos de idade. A imagem foi mantida no saco plástico da casa impressora, juntamente com a nota fiscal. E ficou impecável, gostei muito do perfeito resultado. Testei mais duas ou três cópias de muito tempo, e consegui igual resultado.

Tendo sido rodada a prensa, pode-se ver se a imagem foi ou não transferida a contento para a placa de cobre. Muitas vezes resta bastante papel aderido ao thonner na chapa, sendo necessário o uso de mais algum tempo e paciência na sua remoção sem prejuízo da transferência. Recentemente fiz um breve curso no Atelier Livre da Prefeitura Municipal, onde aprendi mais alguns outros pequenos truques da técnica alternativa de fotogravura. Dosar as novas aprendizagens e saber como usá-las para o melhor proveito é ato contínuo. Posso comparar com arte culinária. Na minha cozinha eu tenho domínio, mas novas receitas e truques são sempre bem vindos. Funciona assim com o que se pode chamar de *cozinha* da gravura também, apesar de parecer pouco digno num trabalho universitário, é realidade pura e simples, portanto também é ciência.

A descrição pormenorizada do que venho fazendo seria, em primeiro lugar, escolher uma imagem fotográfica que tenha preferentemente contrastes de cor claro e escuro bem marcados; esta imagem deve ser levada ao computador e transformada em imagem preto e branco, se ainda não o for, devendo ainda sofrer a inversão de cores, de modo a parecer com um *negativo* fotográfico. Este *negativo* é impresso numa máquina a laser ou também pode ser feita uma boa impressão caseira seguida de uma cópia xerográfica, desde que haja bastante thonner na máquina usada, pois é o thonner da cópia que se fixa na chapa de metal para que seja gravada a imagem. O papel onde este negativo é impresso igualmente tem influência na gravura. Papéis comumente usados nas copiadoras podem funcionar, mas obtêm-se melhores resultados utilizando-se

³ Catafal, Jordi e Clara Oliva, *A GRAVURA*, 1ª edição, 2003, Editorial Estampa, Lisboa

preferentemente papel couché de gramatura 120 mg ou maior. Mesmo com o papel couché podem haver diferenças quando da utilização do papel *com* brilho ou *sem* brilho. E depois de centenas de experimentos, afirmo que a qualidade do thonner também exerce influências, e que a marca de acetona e de thinner igualmente importam – bem que neste quesito creio que possa haver uma adaptação com as quantidades de cada substância, mas adequá-las leva tempo imenso de laboratório. Os detalhes pequenos podem assumir grandes proporções no resultado final do trabalho, e apenas acuidade e dedicação extremadas distinguem o que dá certo do que não poderá dar certo. Passei um tempo extensivo no atelier, e fiz esforço bem grande para chegar a ter este pequeno domínio técnico que obtive mais precisamente nos últimos dois meses deste semestre apenas. Precisaria de ainda mais tempo para me dedicar à execução de séries poeticamente plenas. É lamentável chegar a esta conclusão tão perto da apresentação dos trabalhos. Mas lembrando, foram apenas três semestres dedicados á fotogravura em metal, e não integralmente, posto que todas as atribuições da jornada de trabalho público e doméstico prosseguem concomitantemente, além das outras disciplinas cursadas nos referidos períodos. A conta é simples. Aprendi muitas coisas, mas apreenderia muito mais daqui para frente se pudesse dar continuidade a esta pesquisa. Uma vez dominada a essência da técnica, variações e foco na temática a ser executada receberiam, com a segurança obtida, tratamento muito mais adequado. Explorar os recursos alternativos disponíveis na gravura em metal, transferindo imagens fotográficas diversas, para manter viva a arte impressa, tão importante em nosso estado, e que tem estado meio à margem me foi possível nesta pesquisa. A fotogravura, que é um registro fotográfico documental e artístico, utilizada como forma de preservar memória poeticamente, e editar as séries resultantes. Estou certa de que, mal comparando, se meu trabalho pudesse ser visto como uma peça teatral, a apresentação que ora faço seria apenas o segundo ensaio geral – o primeiro foi na pré-banca, mas a estréia com a peça pronta para ser vista pelo público deveria ocorrer com muito mais tempo de ensaios, para que todos os atores pudessem revisar pormenores atenta e exaustivamente e se apresentassem, assim, de forma impecável quando o teatro abrisse suas portas. Eu choro por mais tempo mesmo sabendo que não existe esta possibilidade, pois tenho certeza absoluta de que com um pouco mais de tempo poderia eleger um conjunto de imagens poeticamente brilhante!

Desde a eleição da imagem é preciso cortar uma placa de cobre nas dimensões desejadas e prepará-la, limando suas arestas, polindo, desengordurando, lavando e secando sua superfície gravável. Os pormenores têm relevada importância e vão se mostrar implacavelmente na impressão todos os desleixos. Não pode existir preguiça na gravura. Ter organizados todos os materiais, equipamentos, utensílios e ferramentas necessários é quesito obrigatório em qualquer atelier, mas é ímpar que ocorra no atelier de gravura por que se dispõe de tempo cronometrado em alguns passos, e por que se lida com substâncias prejudiciais à saúde. Equipamentos de proteção como luvas e máscaras devem ser usados, e a ventilação do ambiente é imprescindível. Os atrasos devidos à falta de organização são imperdoáveis. A prensa deve estar regulada para a

espessura da placa na hora de transferir a imagem e tem outra regulagem na hora de imprimir no papel. Devo estar sempre atenta. Aqui eu reclamo um pouco de trabalhar em atelier coletivo como o da universidade, pois o uso da prensa por muitas turmas de alunos, alguns inexperientes do nível inicial, tornam o trabalho mais demorado, porque aquela regulagem perfeita de ontem hoje já não há. O feltro está marcado pelo esquecimento do rolo em posição inadequada, e apresenta manchas multicoloridas que teimam em se fixar na folha impecável de papel, o acetato tem marcas e arranhões profundos, que passam para a gravura como se relevos secos fossem. A toalha de secar papel deveria ser muito limpa, mas é algo indescritível. A tinta está espalhada por quase todas as superfícies da sala, e muitas vezes surge uma mancha estranha indefinível na folha impressa com tanto cuidado.

Reconheço que algumas destas situações são previsíveis em salas de aula, embora o ritmo em que ocorrem possa se tornar uma dor de cabeça para quem está tentando trabalhar mais duramente. Faz parte. Não é desculpa. Apesar de eu ter conseguido uma excelente ocupação de espaços, garantidos pela generosidade de minha orientadora, tempo precioso foi perdido nesses detalhes, que fazem a solução de continuidade do trabalho interromper um ritmo bom, e desaceleram o ânimo. Contudo, nas salas de aula, o convívio com outros colegas traz muitos ensinamentos e trocas de aprendizado imprescindíveis.

Neste projeto de pesquisa tento demonstrar as possibilidades de um diálogo entre memória, fotografia e gravura. O desafio foi de proporções amplas, principalmente por que expandem campos que já são grandes de início. Pretendi interagir com as poéticas da fotogravura utilizando materiais alternativos, para formar um pequeno acervo que exercesse o papel de condutor entre as minhas lembranças, o cotidiano, e o percurso reminiscente destas experimentações visuais.

Dialoguei, portanto, com minha sensibilidade e memórias dentro da técnica. Durante o diálogo houve embates pragmáticos, muitas gravuras boas foram destruídas, pois idéias avassaladoras se interpõem entre interlocutor e obra no calor da discussão. Tenho bastante proximidade com as gravuras que faço, e isso ressoa estrondosamente. A linguagem da gravura executada por transposição da imagem fotográfica tem uma repercussão que interfere sensitivamente no universo que compõe a necessidade de preservação do lúdico, da afetividade e do território onde navegam minhas reminiscências desde a infância.

Intenciono dar vistas às fachadas de meu interior, em vários sentidos, posto que gravei uma série de casas preservadas durante a vida e também retratei objetos e pessoas com os quais me deparo nos diversos momentos vividos no dia a dia.

Esta trajetória é resumidamente apresentada pelas fotogravuras, influenciadas pelos artistas que admiro e são, portanto, coadjuvantes de toda a poética visual que sou capaz de produzir.

Entabulando uma conversa íntima com o que produzi na pesquisa, muitas vezes fui surpreendida pelo silêncio, e como diz Dalai Lama, o silêncio é um dos argumentos mais difíceis de ser rebatido. Mas o calar da obra não é necessariamente uma rejeição total. Eu sinto que cada gravura que fiz diz algo, apenas ocorre que algumas não conseguem se manifestar de pronto. Há que se parar diante delas por mais tempo e tentar enxergar bem fundo, então o que dizem soa alto e claro. Adoraria que todos pudessem *ler* minhas fotogravuras com atenção, para que pudessem absorver suas mensagens, mas sei que cada indivíduo espectador tem seus próprios códigos de leitura, partindo do pressuposto que conhece a linguagem.

Procurei permanecer intencionalmente num certo anonimato durante o curso de artes, evitei participar de exposições que não fossem obrigatórias. Minha memória sensível é egoísta e tímida. O resultado do que faço deve me bastar. Houve uma única exceção para o evento internacional de *Rhinos*, e tive muito orgulho em ser convidada para participar deste evento, enfatizo. Sei que não expor também significa autoproteção. Eu me resguardei. Mostrar me dói e eu estou numa fase da vida em que evito as dores o mais possível.

Para Benjamin⁴, um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, por que é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois, então é nas coisas banais do cotidiano, que são quase esquecidas pela justa frequência com que se dão e pelo simples fato de estarem sempre ali, imutáveis, iguais, tão normais que vão se tornando despercebidas, mesmo as pessoas que se encontram no dia a dia passam a não ter rostos ou vozes, transformam-se na rotina imperceptível do igual, que busco fotografar para gravar. Estou agora muito atenta aos detalhes dos prédios das ruas por onde ando, e mudando o foco, alterando o ponto de vista ou olhando para cima se enxergam coisas atraentes, que sempre estiveram ali, mas nunca tinham sido vistas. É assim, dando a cada um a devida relevância, relativa ao seu meio, a sua inserção no mundo e sua interseção junto à minha trajetória no mundo, que vou fotografando e executando gravuras dessas fotografias. Esse fato faz com que eu eleja, algumas vezes, pessoas comuns que vou encontrando no cotidiano, para reproduzir nas fotogravuras. Também tenho alguma predileção por prédios ostensivos, suas cúpulas e torres. Os prédios parecem imponentes quando têm cúpulas ostentosas. E me dão a sensação de que, por serem tão belos, grandiosos até, nunca serão demolidos. Mas se o forem, eu os terei imortalizado nas gravuras. Alguns objetos também pertencem ao meu conjunto de predileções, cada um com sua história afetiva, como por exemplo a velha torneira pingando na sala de gravura do Instituto de Artes. Quando os pingos se tornaram um fio d'água, corri para gravar sua imagem pois a possibilidade de ela ser retirada e substituída por outra de plástico como fizeram com as pias da sala de pintura, causou-me angústia. Felizmente ela ainda está lá, e foi consertada. (fig.2).

⁴ Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, página 15, 3a edição, Walter Benjamin, Editora Brasiliense, 1987



Figura 2 – Torneira da Gravura, 18 x 9 cm, Fotogravura, 2015

Muitas vezes penso que em meus devaneios sou como o pano das cortinas que alçam um pequeno e turbulento vôo para fora das janelas em dia de tempestade, mas a curta fuga é interrompida por um par de mãos que as colocam em seu devido lugar, junto às paredes internas da casa, e fecham as janelas. Quando eu trabalho intensamente numa produção, eu me sinto assim como esse tecido de cortina furtiva, esvoaçando com ruído ao sabor da ventania. E, de repente, consigo compreender que não posso transmitir essa sensação do alçar vôo, que é só minha, e que muito provavelmente não será entendida ou não fará sentido fora do contexto da minha própria existência. Costumo pensar, muito amiúde, que entro em êxtase, embriagada por sonhos remanescentes da infância. Quando repetidas vezes e de várias formas reproduzo o ventilador do meu avô paterno (fig.3), por exemplo, que agora me pertence e ainda está quase intacto, produz vento e tem a fiação original, penso estar fazendo isso. Lembro-me do lugar dele no escritório do velho, posso sentir o cheiro do ambiente e percebo que este objeto quase faz parte de mim. Olhando para ele, e estando na frente dele, recebendo seu vento quieto e de tempo sábio no seu giro calmo, tenho a sensação de tranqüilidade e paz, uma serenidade que é prenúncio da continuidade da vida. O vento que ele produz passa por mim. O ventilador vai me ultrapassar e será herdado pela geração que me segue. Parece que eu tenho a obrigação de fazer com que ele seja preservado pois é parte da herança familiar. O ventilador é o meu Avatar. Ava⁵ Grava. Avatar. Ava Tarde. Avatar. Ava Tara? Quando tudo muda, mesmo as reproduções que faço do ventilador, saber que ele está lá, com a serenidade de sempre, e parecendo ser uma macro-célula familiar eterna, chego a pensar que gravando o ventilador e espalhando suas cópias, estou dando continuidade para a vida, pulverizando sementes como na polinização, multiplicando as possibilidades de semeadura através das diferentes edições que são feitas dele. É uma viagem! É a reprodutibilidade que conduz todas as coisas que devem permanecer existindo *ad eternum*.

⁵ AVA – Angela Venturella Alves



Figura 3 – Ventilador, 10 x 10 cm, Fotogravura, 2013

Quando algumas gravuras parecem ter ficado muito claras, poderiam ser desprezadas por isso, eu as mantenho assim, sem tentar melhorar a chapa, pois aprecio os tons claros que dão a elas um ar de desbotamento, fazendo com que imediatamente minha memória me transporte à caixa de relíquias de minha avó materna. Era uma caixa de papelão com a tampa enfeitada, grande – talvez parecesse maior devido ao meu tamanho, bem pequena na época, e dentro ela guardava muitas fotografias. De tempos em tempos ela retirava a caixa do armário e nos deixava vê-las, mais por vontade dela mesma de recordar do que para mostrá-las a nós, as crianças netos e netas. Ela contava a história de cada imagem, e era um momento de infinito deleite ficar ali, rodeada de recordações e de surpresas. Cada uma tinha uma história própria, com datas, nomes e locais. A *nona* sabia até mesmo a cor das roupas das pessoas fotografadas, e ela relatava os episódios com riqueza de detalhes. Nas minhas primeiras lembranças, recordo que me intrigavam algumas fotos, do tamanho de um caderno, e dentro delas cabiam casas, uma rua inteira, com pessoas e com cavalos. Parecia mágico para mim e muito desta magia sobrevive comigo até hoje. Minha mãe também fazia álbuns de fotografias. Eles tinham uma folha de papel encerado de florezinhas para proteger as páginas, e ela escrevia uma anotação embaixo de cada retrato, com letra caprichada e caneta tinteiro, para identificar pessoas, datas e locais. Eu gostava de ver e rever os álbuns.

Ainda conforme Benjamin⁶ a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento

⁶ Das wahre Bild der Vergangenheit huscht vorbei. Nur als Bild, das auf Nimmerwiedersehen im Augenblick seiner Erkennbarkeit eben aufblitzt, ist die Vergangenheit festzuhalten - Schriften - Volume 1, página 496, Walter Benjamin - Suhrkamp Verlag, 1955-tradução livre.*site visitado em 31/10/2015.

em que é reconhecido. Algumas exposições de gravura que visitei me impactaram bastante, mas a exposição que reuniu Goeldi, Segall e Iberê Camargo, na Fundação que tem o nome deste último, em dezembro de 2009, revisitada junto com a saudosíssima professora Maria Lucia Cattani⁷ nas primeiras aulas de 2010, foi decisiva para me mostrar o quanto eu gostava de gravura, sendo xilo, lito ou gravura em metal. Era “O Cálculo da Expressão”, com curadoria de Vera Beatriz Siqueira, e com 156 gravuras, 12 matrizes e nove livros ilustrados! Nesta mostra eu pude perceber com maior clareza que o universo da técnica é incomensurável e que o fio condutor dos artistas gravadores parece ser parte integrante do próprio DNA pessoal, que transparece nas imagens que eles produzem. O cálculo de minha própria expressão começou a ser delineado.

Meu encontro com a obra do artista lituano Egidijus Rudinskas⁸, foi extremamente importante. Passei a idolatrá-lo e o considero meu guru na gravura. Tenho por ele a maior admiração e respeito que se possa ter por um gravador, ao ponto que, se eu conseguisse – (e eu nem tento, pois reconheço meu lugar), fazer apenas uma gravura com qualidade técnica e beleza que se parecessem minimamente com as dele, eu me daria por satisfeita pelo resto da vida. Assim, parafraseando a anedota segundo a qual Picasso externava sua admiração por Ingres através da saudação matinal ao espelho: “- Bonjour, Monsieur Ingres!”, e salvas as relativas proporções, todo dia eu deveria dizer *Labas rytas Egidijus Rudinskas!* – que é bom dia em lituano!

Muitos outros artistas têm servido de referência e são fontes inspiradoras de meu trabalho. Logo no primeiro semestre de fotogravuras, agosto de 2013, gravei alguns insetos que havia fotografado, e moscas de tamanhos variados, sendo uma enorme, da qual gosto bastante, que me remetem ao trabalho de Regina Silveira⁹, uma artista gaúcha internacionalmente reconhecida e que realizou vários trabalhos com insetos. (fig.4, fig.5 e fig.6).

Mais recentemente, por ocasião do já citado evento *Rhinos are Coming*, conheci o Prof. Stephen Inggs, da África do Sul, que eu já admirava por me identificar com trabalhos dele vistos pela internet. E, curiosamente, me envaideço por ter percebido seu olhar atento e demorado sobre o trabalho que realizei para esta exposição. É surpreendente perceber como pessoas tão diferentes, de ambientes culturalmente tão diversos apresentam afinidades e interesses semelhantes. Encontro em meu ventilador icônico uma correspondência com sua obra com hélices de motor, assim como o uso de cartografias, ícones caros à contemporaneidade, mas sobre tudo seu grande interesse e utilização da imagem fotográfica manipulada, onde os contrastes são alterados e é patente a marca desta manufatura. (fig. 7).

⁷ Maria Lúcia Cattani, 1958, Garibaldi, RS, 2015, Porto Alegre, RS, Doutora em Artes Visuais.

⁸ Egidijus Rudinskas, 1962, Kupiškio, Lituania, gravador, pintor, fotógrafo, artista digital e ilustrador Lituano.

⁹ Regina Silveira, Porto Alegre RS, 18 de janeiro de 1939 é uma artista multimídia e arte-educadora brasileira. As fotografias das figuras 4 e 5 foram colhidas na FIC em 30 abril de 2011, durante uma visita guiada com a Professora Maria Lúcia Cattani.



Figura 4 – Regina Silveira, mosca projetada durante a exposição ‘1001 Dias e Outros Enigmas’, na Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil (2011) Visitada em 30/04/2011.

Figura 5 – Insetos - detalhe da obra de Regina Silveira da mesma exposição 2011.

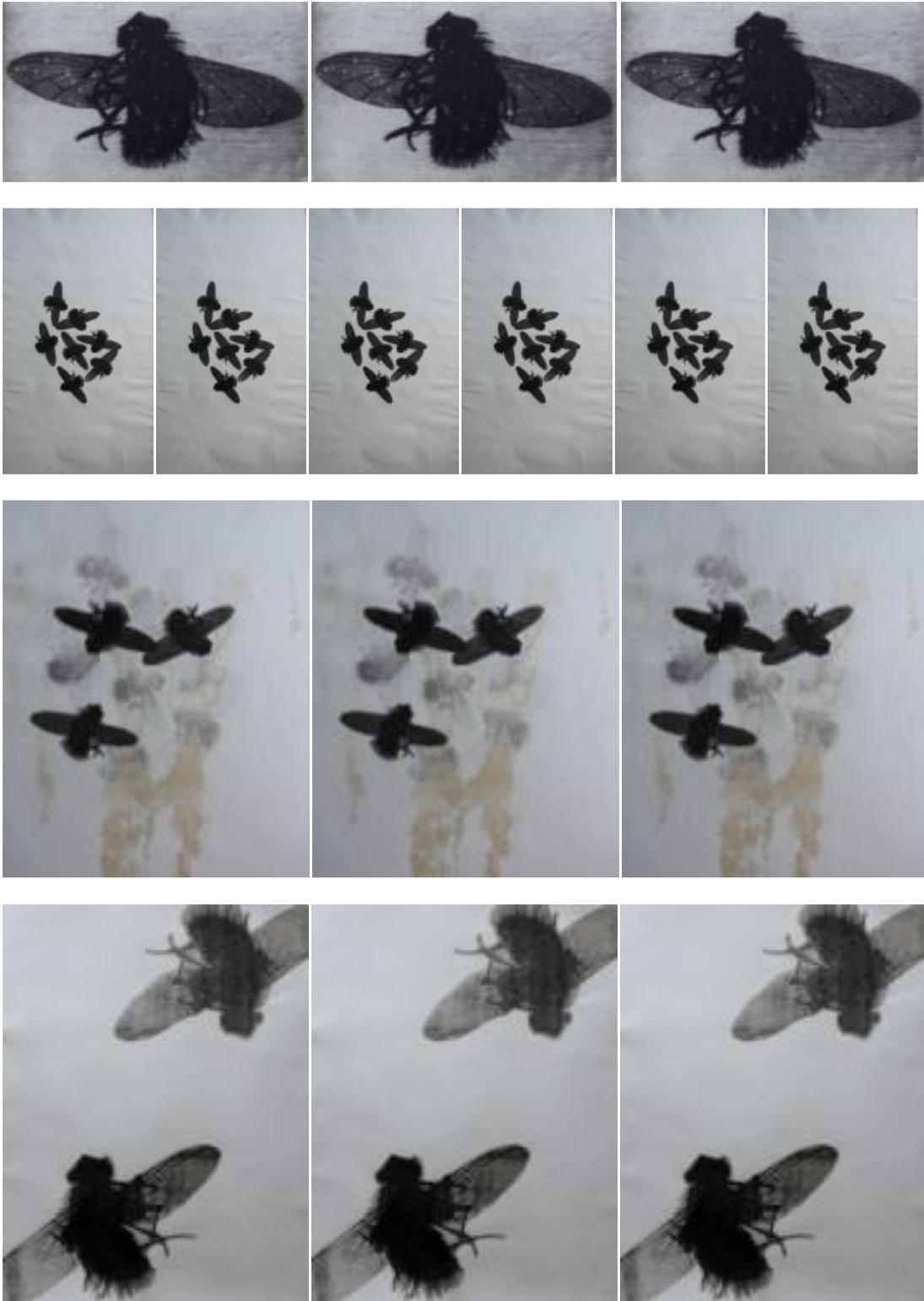


Figura 6 –Minha Série de Moscas, Fotogravuras e técnica mista com chinê collé, dimensões variadas das chapas originais

sendo a mosca menor de 4 x 7 cm e a maior de 23 x 39 cm, 2013



Figura 7 – Professor Stephen Inggis fotografando meu trabalho para Rhinos, exposição CEEE

Do quantitativo total de gravuras que selecionei previamente, escolho as que me parecem mais representativas para serem reimpressas com a impecabilidade necessária para a avaliação de minha professora orientadora. A memória de tempos internos, da afetividade focada nos detalhes menores do cotidiano e intrínsecamente ligada aos sentimentos, o tempo e a memória interagindo no resgate patrimonial da afetividade que preserva viva a consciência do que me envolve. Algumas gravuras captam minha percepção de modo magnético. É impossível eu não descansar o olhar sobre elas. Eu as estou denominando como fotos de percurso, e elas são a prova física de que minhas memórias não são apenas frutos da imaginação. As construções existem vivamente no meu acervo de memórias e eu as tenho em mãos, fotogravadas. E suas imagens gravadas me cativam, encantam. A fachada do Colégio Rosário tem poder de seduzir meu imaginário. E esta não é propriamente pela apreciação arquitetônica, mas pela

representatividade que o estabelecimento tem para mim. Comecei a amar a escola pelas histórias que meu avô contava. Ele saiu de lá formado em Contabilidade – devia ser um equivalente ao segundo grau de hoje, no ano de 1919, com dezessete anos, e foi ajudar seu pai com as contas dos negócios. No início do século vinte, mais especificamente na nossa família, sendo ele filho de imigrantes italianos, ter concluído este tipo de estudo era quase um doutorado. Enfim, o prédio é, simbolicamente, a minha representação de escola e aprendizagem, e mesmo que a gravura não esteja perfeita, ela tem este significado importante, notoriamente quando aos 58 anos estou apresentando um Trabalho de Conclusão de mais um curso superior. Desde os três anos de idade eu fui posta na escola, e em toda a minha trajetória venho estudando formal ou informalmente.

A gravura da fachada do Colégio Rosário (fig. 8), fica na mostra. Fiz a impressão em duas ou três cores antes do preto, pois desejava encontrar o tom verdadeiro do prédio. Desisti pelo preto para dar uniformidade à mostra e por que o preto demonstra a espécie de luto que estou passando nessa hora de deixar a instituição de ensino que me é tão cara.



Figura 8 – Fachada do Colégio Rosário, 31 x 30 cm, Fotogravura, 2015

À parte possíveis outras interpretações de Walter Benjamin, tenho a pretensão de afirmar que as fotogravuras que faço, apesar de terem sido utilizadas para sua feitura fotografias impressas e toda a tecnologia que permite a rápida multiplicação da cópia, permanecem com a aura de *fine art*, pois as reproduções são feitas manualmente, mantendo as características mais tradicionais da gravura. Posso definir que a fotogravura é um híbrido ou uma miscigenação de fotografia e gravura. O desafio é diretamente relacionado ao hibridismo ou à miscigenação que envolve os procedimentos muito antigos da gravura em metal com as tecnologias atuais referentes às máquinas de fotografia, reprografia e aos programas de computador que trabalham imagens. Pensando assim, é possível escapar aos conceitos delimitantes de Walter Benjamin. Até por que quando Benjamin escreveu isto, em 1936, ele desconhecia a tecnologia atual. A aura não é perdida. A aura é camaleônica e adaptou-se contextualmente com as novas descobertas no que diz respeito à reprodução, cópia, múltiplo.

As confusões ainda existentes entre os itens que fazem diferir reprodutibilidade e arte com múltiplos são discutíveis, e podem ser observadas sob inúmeros pontos de vista. O aspecto que a mim parece ser mais representativo dessa diferenciação é quase irrisório: o reprodutível tende a ser comparado com genética e o múltiplo com matemática, duas ciências diversas. Na genética a reprodução não significa que o novo ser tenha aparência exatamente igual aquela de quem o reproduziu. Terá as mesmas características transmitidas pelo DNA de seus geradores, mas será um novo indivíduo, e portará sinais diversos. Na matemática, a multiplicação não requer igualdade, representa acréscimo numérico. Multiplico para gerar mais, e esse mais não é necessariamente idêntico ao ser básico. Mas sempre partindo de uma *matriz* para obter a edição desejada. Não sei se consigo expressar claramente o que pretendo evidenciar na questão de editar uma tiragem de uma determinada gravura, no caso fotogravura. É uma teoria minha, e me sinto no direito de publicá-la neste TCC, com todas as deficiências que ainda existem para a sua comprovação e veracidade. Mas como pensar em ciência esquecendo a asserção e razão? Talvez alguém com maior probidade possa dedicar a ela alguma atenção, e elevá-la deste raso onde se encontra. Há que se pensar que neste século XXI os avanços tecnológicos são integrantes indispensáveis de nossas vidas, inclusive no tocante à arte.



Figura 9 – Armazéns do Cais do Porto, 26 x 34 cm, Fotogravura, 2013

SÉRIE FACHADAS E INTERIORES

Uma fotogravura de 2013, Armazéns do Cais do Porto, (fig.9), é peça bastante representativa desta pesquisa e a prova de que consegui obter boas gravuras, e de grandes dimensões, ainda no semestre em que a técnica me era apresentada. A relevância desta gravura está também apoiada no fato de ter como inspiração a Dra. Maristela Salvatori, que como se sabe, realizou várias séries de gravuras focadas na temática do cais, a quem desejo homenagear singelamente.

A cúpula do antigo Hotel Magestic (fig.10), atual sede da Casa de Cultura Mário Quintana, também foi fotografada de dentro do cais do porto de Porto Alegre. Gravei no metal fotografias do teto da CEEE, antiga sede da Companhia Estadual de Energia Elétrica, hoje centro cultural da cidade. (fig.11), as estruturas metálicas da clarabóia do Shopping Moinhos de Vento (fig.12), que constituem fotogravura bastante intrigante, pois o espectador não identifica de pronto do que se trata, e gravei várias casas das ruas por onde ando aqui em Porto Alegre e no litoral.



Figura 10 – Hotel Magestic, 18 x 27 cm, Fotogravura, 2015

A casa antiga que pertenceu ao artista plástico Vitório Gheno, a antiga Igreja Matriz (fig.13), em Torres, por exemplo. A casa escura da dona Yara na Avenida Maranhão, com o DKW muito antigo na garagem ao lado (fig.14 e fig.15), a cúpula da Catedral Metropolitana (fig.16), e diversas outras edificações e estruturas cuja arquitetura me atrai. Três casas da Avenida Independência, porém, têm a minha predileção nesta série, pois são casas muito bonitas e de significativo valor sentimental. Todas são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico, sendo uma inclusive sua sede física na cidade. É muito bom saber que estas casa não serão preservadas apenas nas minhas memórias, mas também nas fotogravuras e realmente pelo tombamento dos prédios. A magnífica casa de Dona M.J., de nº973, possui uma cúpula de cobre ostensivamente bela (fig.17), e a fotogravura ficou muito boa, fazendo jus à casa. A sede do Instituto de Patrimônio Histórico, nº867 da mesma rua, resultou numa chapa perfeita (fig.18), e numa primorosa gravura (fig.19), assim como a casa de nº456, (fig.20), misteriosa desde minha infância, que parece estar abandonada hoje em dia, mas que foi o lar da saudosa professora C., do Colégio Anchieta, a qual recebia, com alguma frequência, seus alunos para chás educativos, lá pelos idos dos anos 60 e 70; é uma fotogravura com algum apagamento, sugerindo o abandono atual em que a casa se encontra.

Quando examino dois ou três exemplares de uma fotogravura, como a da casa nº 973 da Av. Independência, por exemplo, consigo observar diferenças mínimas, mas

continua sendo a mesma gravura. Talvez eu a considere hoje a melhor desta série, não simplesmente pelas qualidades técnicas de gravação e impressão, mas por tudo que a casa sugere de belo, misterioso, tradicional e imutável. Pelo que ela representa para o meu imaginário sensível, e pela atração que é capaz de causar à minha vista e principalmente porque ainda é um lar. Eu nunca passei sequer uma vez em frente à casa sem a ter notado. E isso vem acontecendo há mais de meio século nas minhas lembranças. É memória. É memorável, foi fotografada, é gravável, então eu simplesmente transpus esta imagem gravada na minha mente para uma placa de cobre e a imortalizei, portanto, segundo meus próprios sentidos, pois entendo que se ela foi transformada no que ousou chamar de um exemplar de arte impressa, gravura, fotogravura, eu a tornei perene ao meu modo. E aqui estou tentando pensar com minha própria cabeça, segundo Shopenhauer¹⁰. Pode parecer loucura ou arrogância excessiva, peço que tentem relevar em nome do novo, onde tudo é possível, como na arte.

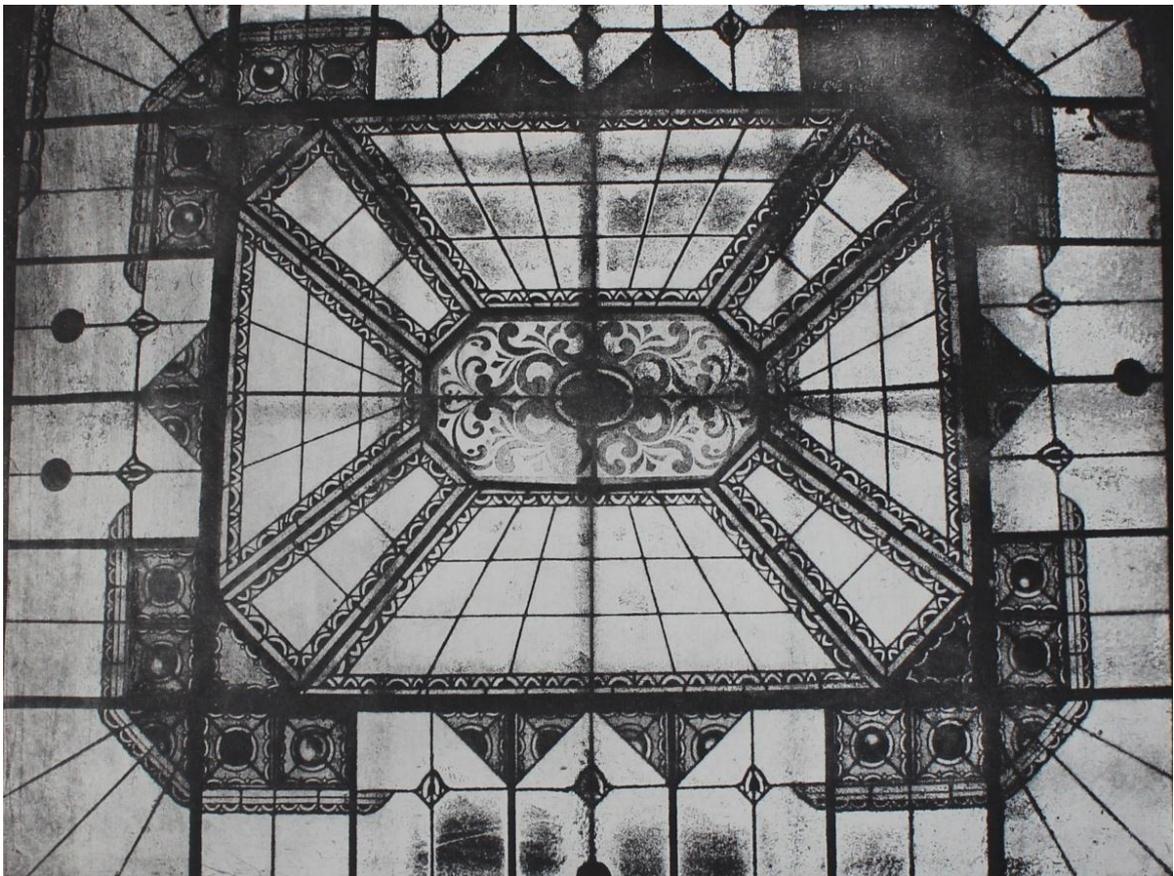


Figura 11 – Clarabóia da CEEE, 39 x 30 cm, Fotogravura, 2015

¹⁰ Shopenhauer, Arthur, em *A Arte de Escrever*, L&PM EDITORES, Coleção POCKET, V.479, 2007

Com outras imagens não cheguei tão longe. Fui clicando imagens iconográficas de filmes, clips musicais ou entrevistas gravadas em DVDs diretamente da televisão e com o aparelho celular, despretensiosamente. Também fotografei assim cenas de rua, grafites, mendigos, colegas, professores. Na hora de selecionar as imagens para gravar, elas mesmas foram saltando à vista. Não houve um critério minucioso. Não houve uma ordem. Eu sou difusa. Meu foco é um múltiplo! Situação semelhante se impôs na hora de dar vistas à minha orientadora. Perdi muitas placas e gravuras bonitas devido ao excessivo acúmulo de trabalhos realizados no período em que estive envolvida com a fotogravura. Foram consumidos mais de 50 quilos de cobre e centenas de folhas de papel Hahnemühle entre outros. A organização e o método de armazenar a enorme quantidade de material que se acumula neste período deveria ter sido melhor considerada desde o início dos trabalhos, mas infelizmente não o fiz. Com isso não estou querendo dizer que não tenha trabalhado com sistema metódico e organizado, não. Estou apenas concluindo a realidade que se me apresenta de forma completamente diversa. Precisei de tempo considerável no atelier de gravura do IA para conseguir obter algum domínio sobre a técnica eleita para este trabalho. Talvez ele devesse continuar por mais alguns meses para eu poder alcançar objetivos maiores e poder me restringir a um único tema na linha de pesquisa. Eu não esculpi o tempo como Andrey Tarkovsky¹¹, nem o habitei como João Cabral de Mello Netto¹², mas posso dizer que o desfrutei doce e morosamente. Tanto que quando vi já estava na hora de entregar o TCC. Eu me encontrava num torpor do fazer poético e no pensar em como e o quê expor, que nem senti o tempo passar. E ele não foi tão pouco, mesmo assim passou de modo assaz rápido, como um raio de luz veloz: fez barulho, iluminou o céu e sumiu. Mas foi saboreado prazerosamente. Sabia que eram meus últimos dias neste atelier, últimas horas aproveitadas como quando eu raspava a panela de brigadeiros de meus aniversários da infância. Uma delícia pouca. Sempre com gosto de quero mais, pena que acaba.

¹¹Andrei Tarkovsky, *Esculpir o Tempo*, Martins Fontes, 2ªEdição, 1998

¹²João Cabral de Melo Netto – *Habitar o tempo*, in *A Educação pela Pedra e Depois*, Nova Fronteira, 1997

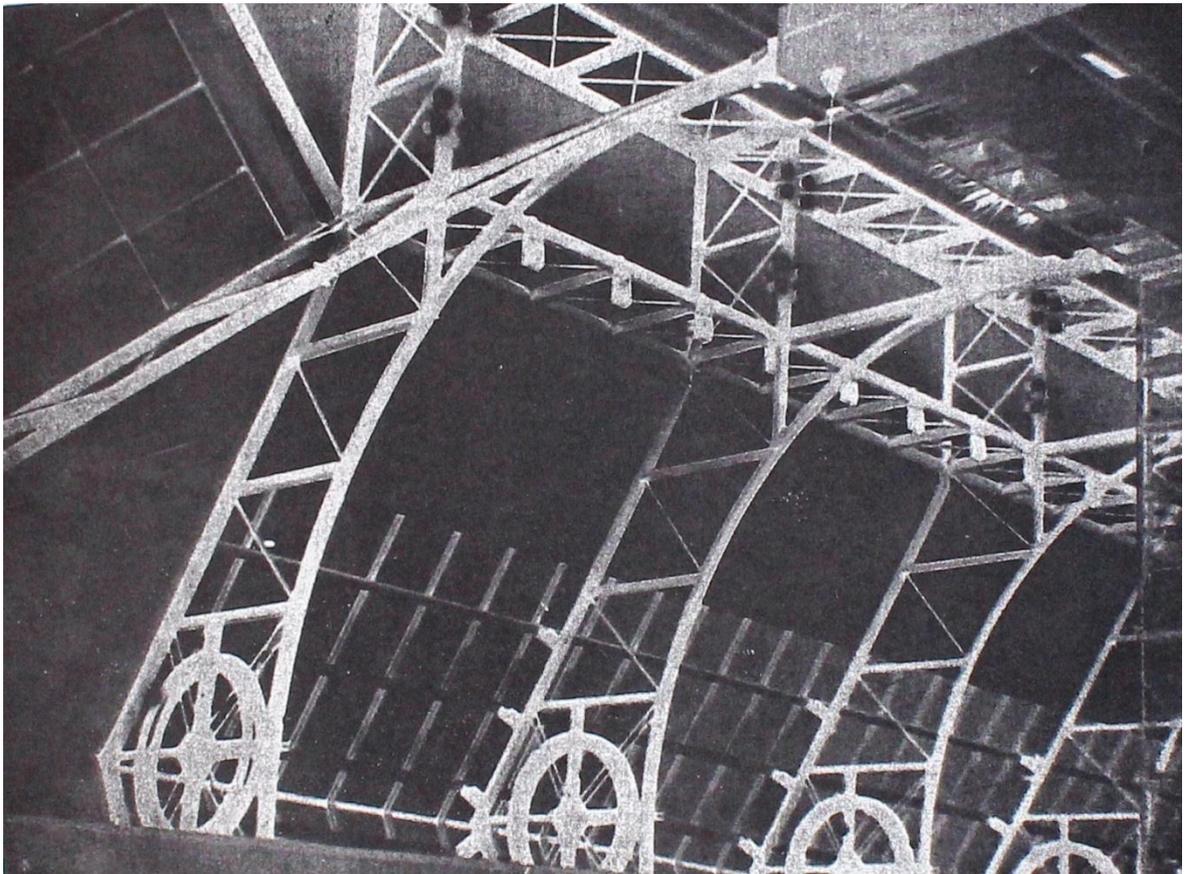


Figura 12 – Estrutura do Shopping Moinhos de Vento, 26 x 20 cm, Fotogravura, 2015

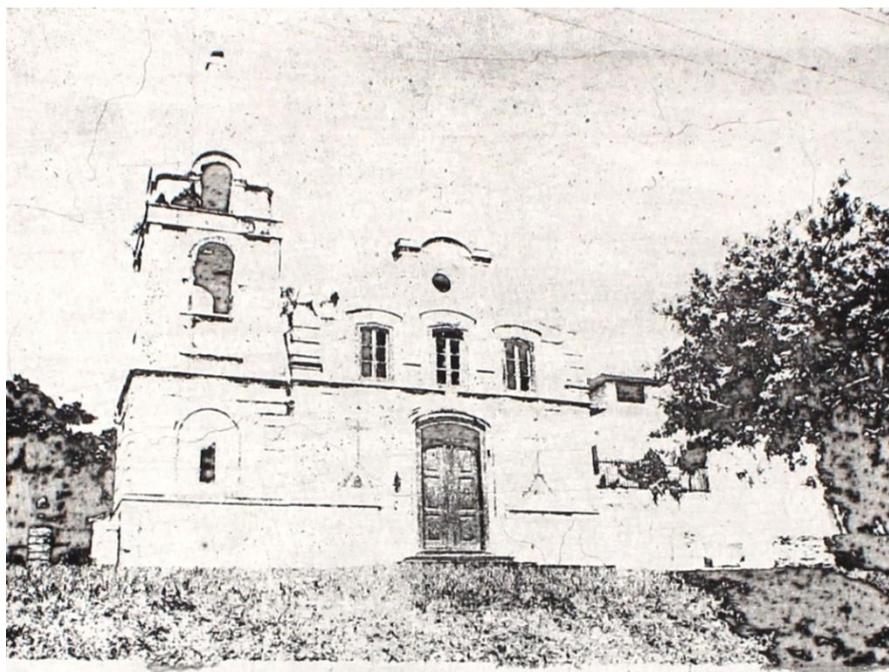


Figura 13 – Igreja Matriz de Torres, 15 x 19 cm, Fotogravura, 2013

A relevância da poética resultante deste estudo passa a ser secundária quando penso em quão prolífica foi minha estada na sala 55 desta instituição que tão bem me recebeu e que agora, por isso mesmo, sofro em abandonar. Em todas as outras tarefas constituintes do currículo do bacharelado em artes visuais eu sabia que teria uma nova chance de executar um trabalho melhor, mesmo que o apresentado no momento estivesse bom. Este aprimoramento agora não vai poder existir, posto que se o que apresento tiver valor de aprovação, nenhum outro será necessário. Esta cisão característica de final de um ciclo me é bastante penosa, e com isso tento explicar, mas não justificar, a mediocridade do que estou apresentando. Quando há alguns dias eu espalhei as gravuras na sala para a Dra. Maristela Salvatori, minha orientadora, poder definir o que seria mostrado, foi a primeira vez que reuni aqueles quarenta e poucos trabalhos, e tive uma decepção enorme. Como fazia muito tempo que não olhava para algumas gravuras, e nunca as tinha visto em conjunto, quis desistir do TCC como reação imediata. Era como se eu estivesse assistindo a um ensaio teatral onde as gravuras protagonistas ainda precisavam de muitas instruções do diretor para poderem se apresentar na estréia. E não havia mais tempo, portanto o fiasco estava sacramentado. Elas não combinavam entre si, o fio condutor parecia arame farpado e esfolava o meu pensamento. Pára o mundo que eu quero descer e começar tudo de novo. O antagonismo e o contraditório. Cheguei a pensar no relato de um ator que certa vez ouvi sobre a sua própria aparência: “.....tenho a pele linda, bastante cabelo, olhos grandes e verdes, nariz bem feito, dentes perfeitos armam um sorriso sedutor, mas o conjunto não combina.”



Figura 14 – Casa da Dona Yara, 13 x 17 cm, Fotogravura, 2013



Figura 15 – DKW na Garagem da Rua Maranhão, 26 x 20 cm, Fotogravura, 2015

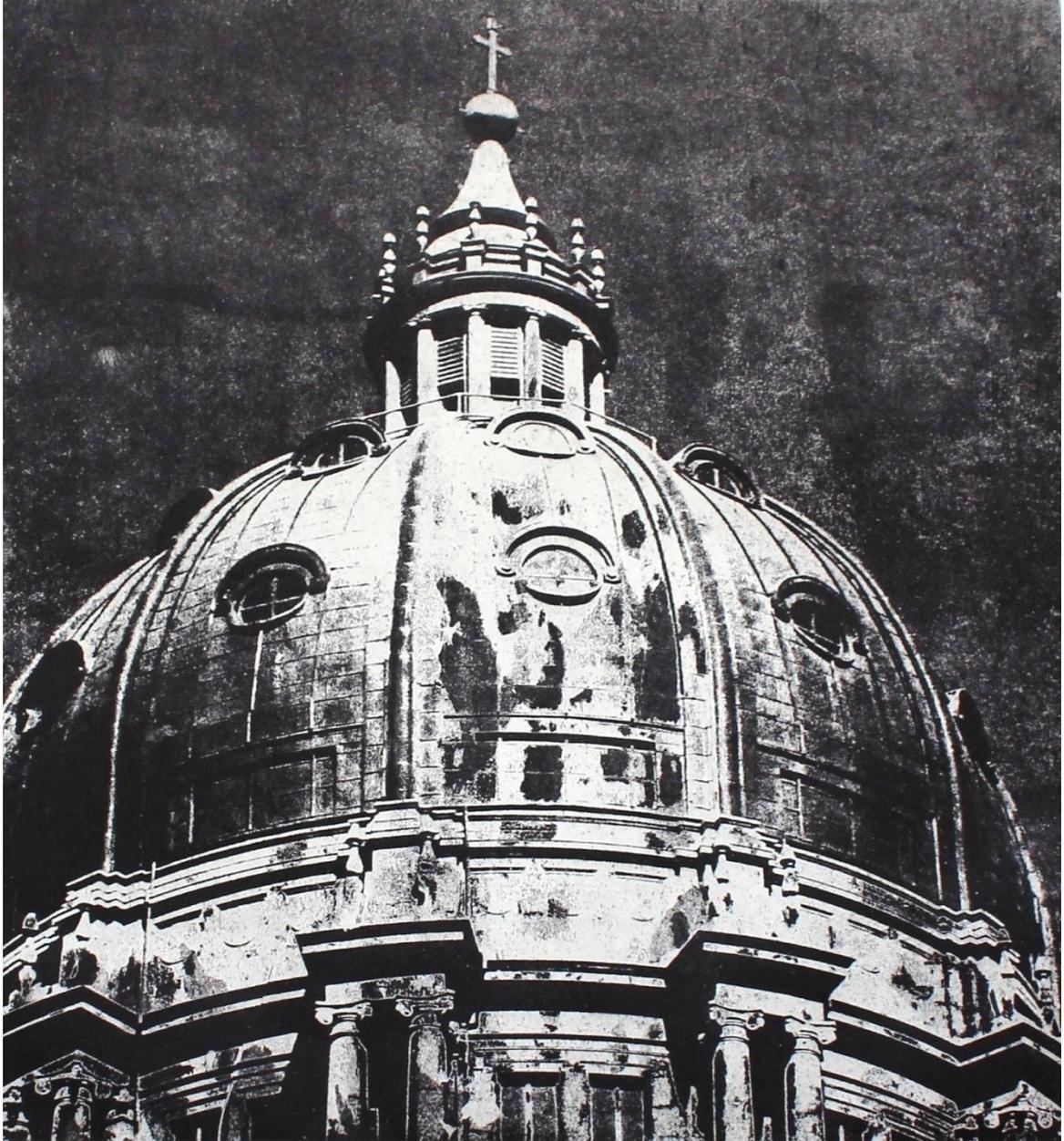


Figura 16 – Cúpula da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, 29 x 26 cm, Fotogravura, 2015



Figura 17 – Casa nº973 da Av. Independência, 29 x 20 cm, Fotogravura, 2015

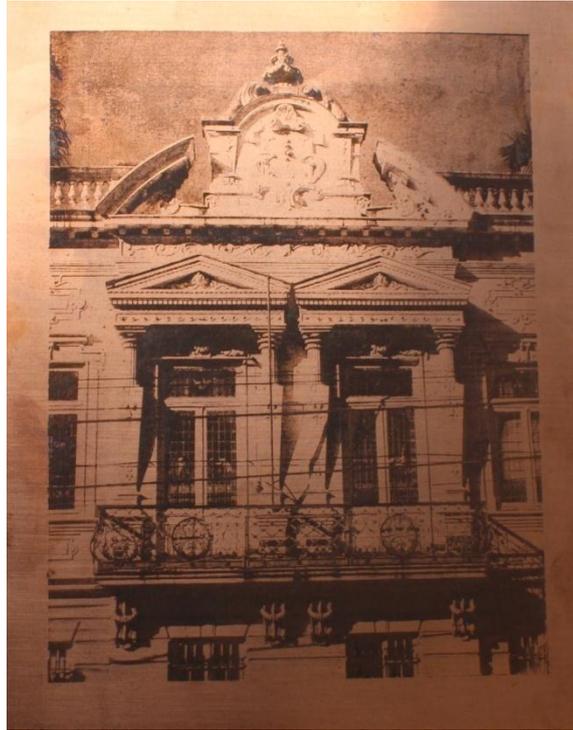


Figura 18 – Chapa gravada da casa n°867, 23 x 17 cm, 2015

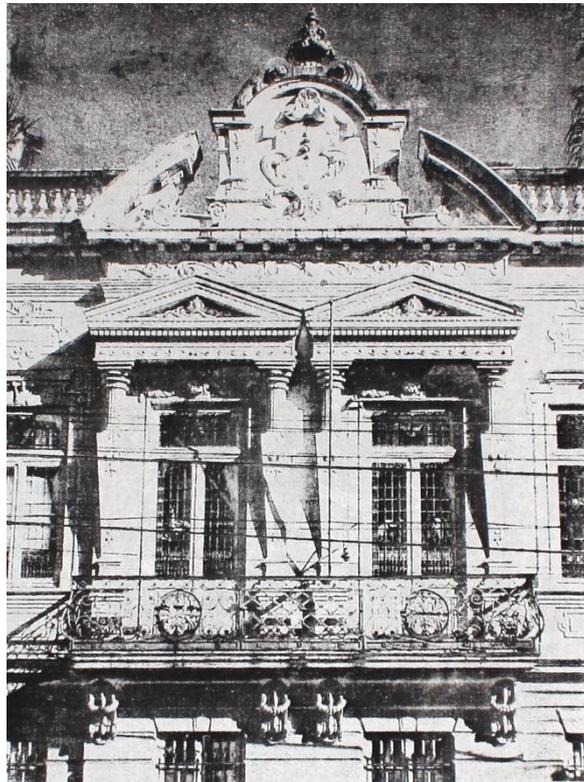


Figura 19 – Casa n°867, 23 x 17 cm, Fotogravura, 2015

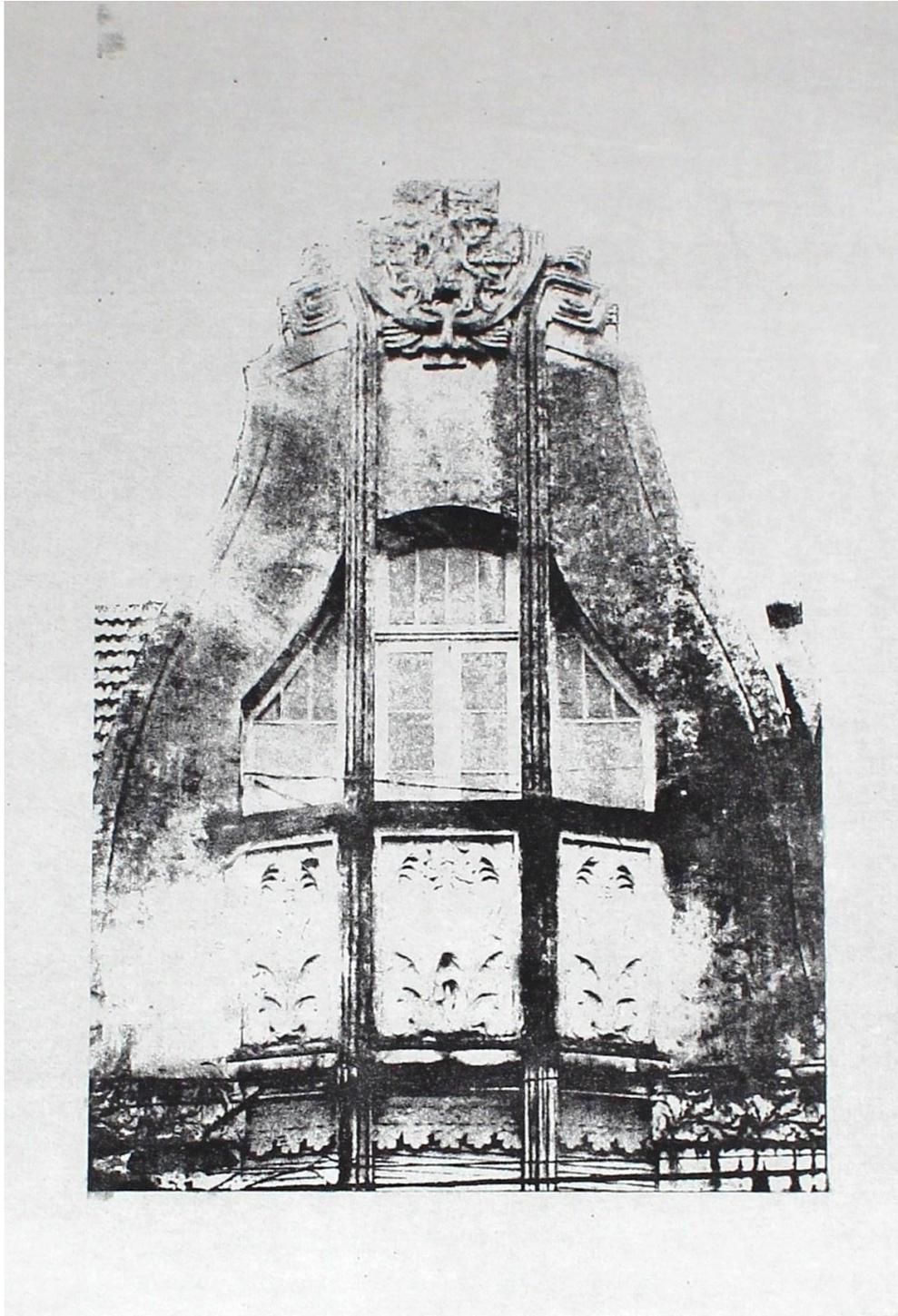


Figura 20 – Casa n°456, 24 x 18 cm, Fotogravura, 2015



Figura 21 – Elis, 37 x 30 cm, Fotogravura, 2015



Figura 22 – Kim Novak e Jack Lemmon, 29 x 18 cm, Fotogravura, 2015



Figura 23 – olho de Kim Novak, 11 x 10 cm, Fotogravura, 2015



Figura 24 – Face da Kim Novak, 10 x 7 cm, Fotogravura, 2015

SÉRIE RETRATOS

Fotgravei muitos retratos de pessoas com as quais me deparo cotidianamente, de modo real ou pela mídia eletrônica. No primeiro grupo estão pessoas comuns, professores, colegas, e no segundo artistas das diversas áreas, escritores, músicos e outros.

Na fotogravura da Elis Regina, (fig.21) ela surge do negro num poderoso perfil e brilha como estrela; as gravuras de Kim Novak feitas partindo do DVD de “Bell, Book and Candle”, filme emblemático dirigido por Richard Quine em 1958, que no Brasil teve o nome de “Sortilégio de Amor”, aparece Jack Lemmon, (fig.22), o olhar enigmático da atriz também é gravado num pequeno recorte (fig.23), e seu rosto desvanecido me lembra o rosto de Clarice Lispector, outra inspiração. (fig.24).



Figuras 25 e 26 – Chico, 6 x 6 cm, e Chico menino, 7 x 6 cm, Fotogravuras, 2015

Chico Buarque de Holanda (fig.25 e fig.26), Bibi Ferreira, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Fernando Pessoa e muitos outros se uniram ao elenco de retratos dos diversos professores do I.A., mas na série de retratos o conjunto de gravuras feitas a partir de fotografias da colega de graduação Natasha Ulbrich Kulczynski foi o que mais incitou meu desejo de continuar produzindo a montagem de fotografias para a gravura em metal. Ela está fazendo um trabalho no qual elimina um símbolo de feminilidade e da vaidade da mulher, raspando sua própria cabeça, e na careca resultante tem inúmeras intervenções de colegas integrando o que se torna um trabalho interativo de TCC. Houve convocação geral. Aceitei participar, e para intervir usei uma infinidade de materiais, como fitas, papéis, lençóis de borracha, muitos tipos de fios, panos, molas, arruelas, entre outros. Desta intervenção surgiram fotografias tão satisfatórias e instigantes que fui compelida a inseri-las em meu próprio TCC, com a anuência de Natasha, logicamente.

Na modelo diversas caracterizações representando personagens diferentes foram feitas, e possibilidades infindáveis para seus retratos foram surgindo. As gravuras simbolizam o imenso poder e a incontável gama de variantes geradas com a produção de retratos a serem fotogravados. O resultado foi bastante satisfatório para mim, pois excelentes gravuras desta produção formam a pequena coleção que reuni. As gravuras atraem. A menor tem apenas 14 X 7 cm, por que no momento de gravar só dispunha daquele pedaço de chapa de cobre, obrigando-me a cortar o negativo para adequá-lo a essas dimensões. Estas situações podem ocorrer quando se produz em grande escala. As coisas vão dando certo, fluindo num ritmo acelerado, e de repente falta material para dar continuidade àquela boa hora. Mas enfim, nesta pequena gravura (fig.27), a cabeça

nua perde os contornos e passa a assumir forma intrigante que, combinada com o olhar baixo, enviezado e fixo do semi perfil, que ainda apresenta na linha dos lábios desenho perfeito, completam a pequena grandiosidade da imagem. Se a fotografia havia ficado muito boa, esta fotogravura de dimensões humildes tem notável impacto poético-visual. A pequena obra é poderosa, demonstrando assim a força da fotografia e da gravura produzidas.



Figura 27 – Natasha, 14 x 7 cm, Fotogravura, 2015

Na imagem onde espelhei duas gravuras diferentes da mesma tomada fotográfica (fig.28), tentei dar um caráter de cartas de baralho ao trabalho. Interferi com betume e pincel na imagem do rosto da modelo já transferido para a chapa de cobre, pois buscava uma aparência que se assemelhasse à perda de pele ou descamação, tentando demonstrar que a fotografia gravada se transmuta ela também, pela ação direta sobre o metal. Fiz questão de deixar uma chapa mais clara e com poucas manchas quando pus uma no mordente por dois terços do tempo usual, e outra, mais escura, aumentei o

tempo de banho no percloro, para dar a impressão de que a figura estivesse emergindo das trevas. O desbotamento e o escuro me satisfizeram, e a pequena alteração de dimensões entre as duas imagens causa um maior estranhamento, pois ainda aumenta o volume da imagem mais clara.

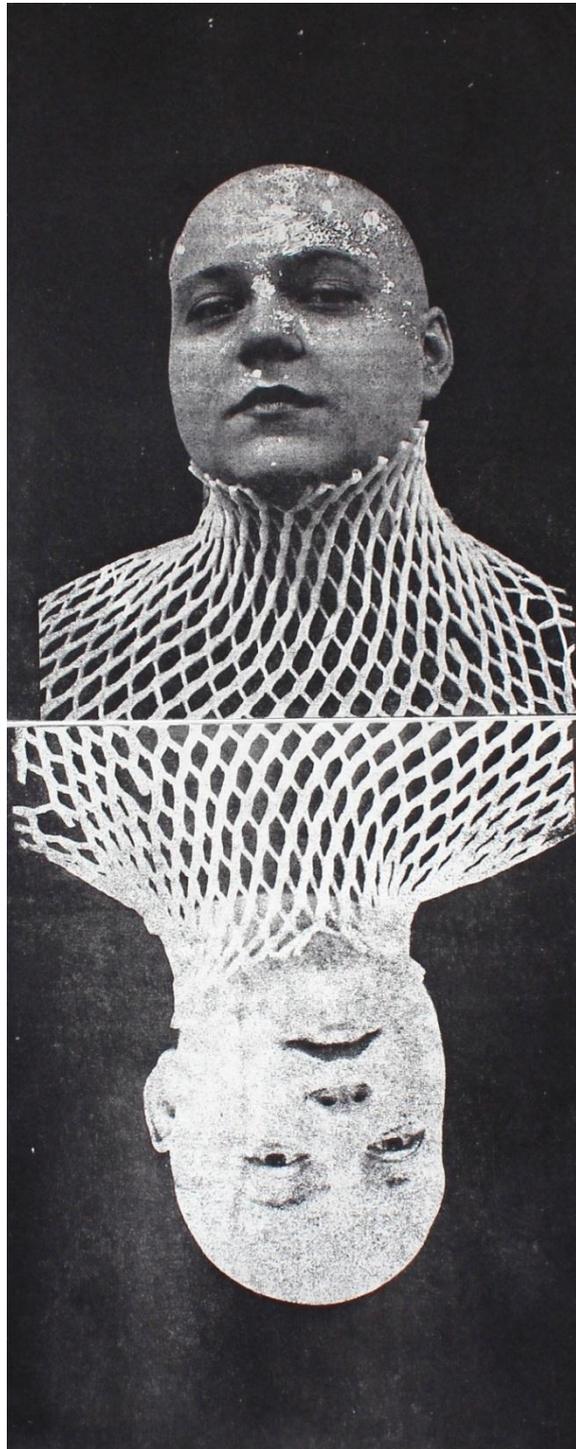


Figura 28 – Natasha espelhada, 49 x 17 cm, Fotogravura, 2015

Natasha angelical (fig.29), foi a imagem que produzi tentando intrigar o espectador com algo que remetesse ao medievo mas a deixasse meio incógnita. A chapa ficou perfeita e a gravura resultou parecendo papel jornal, o que me agrada também.

Quando espalhei mangueiras de borracha e cordas metálicas na cabeça de Natasha, um olho ficou fechado pelo fio de aço e o outro olha de esguio. Lembro de pedir que ela fixasse assim o olhar e pretendi dar à gravura um desbotamento para obter do preto da borracha um caráter aveludado e claro com a tinta de impressão. Também nesta imagem reduzi o tempo de banho no mordente. Quase cheguei onde queria.



Figura 29 – Natasha angelical, 22 x 29 cm, fotogravura, 2015

Em outra fotogravura da mesma modelo, rasguei o negativo da imagem antes da transferência desta para a placa de cobre (fig.30). Acredito que com mais algumas tentativas poderei obter resultados muito agradáveis, pois nesta única já tive o fato enunciado. Fica a impressão de que o rosto está mergulhado na água lodosa.



Figura 30 – Natasha rasgada – composição, 51 x 28 cm, Fotogravura, chiné collè, técnica mista, 2015

Fixei uma mola de borracha na testa da modelo e apus outras peças de borracha, clicando fotografias que igualmente remetiam ao passado. O contorno do rosto, agora bem delineado, conjugado com os olhos claros e bonitos num meio sorriso intrigante, tornam a fotografia linda e a gravura igualmente bela. (fig.31).

Finalizando a série de retratos está uma imagem muito significativa para mim. É a fotografia da turma de colegas que compartilharam comigo as aulas da Disciplina de Gravura em Metal em 2013/2, numa visita ao Atelier de Gravura da Fundação Iberê Camargo. Esta gravura simboliza muito do meu percurso dentro do Instituto de Artes

com relação ao trabalho desta conclusão de curso e com certeza além de estar gravada no metal está gravada na minha memória sensitiva mais especial, pois foi um semestre de grandes aprendizados (fig.32).

“E eu pergunto como o adorno desses cabelos
E desse olhar rodeia os seres de antigamente...”¹³
Benjamin



Figura 31 – Natasha com cabelo de mola, 20 x 25 cm, Fotogravura, 2015

Presentes na extremidade direita Marcelo Lunardi, meu caro impressor, e esquerda Eduardo Haesbaert, ambos artistas plásticos dedicados à arte impressa do atelier que pertenceu a Iberê Camargo, e que com ele trabalharam por bastante tempo. Maristela Salvatori, minha caríssima Orientadora neste TCC e professora da Disciplina está ao lado de Eduardo, em seguida meus caros colegas, todos muito jovens e promissores, Louise Shizue Kanefuku, Calvin Rilho Maister, Maíra Filgueiras Ochoa, Amanda Copstein Telles da Silva, Flavya Mutran – arquiteta paranaense aluna de

¹³ Benjamin, Walter, in A pequena história da fotografia, p.94, Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas, V.1, Brasiliense, 3ªed, 1987

doutorado também orientanda de Maristela Salvatori e minha colega de gaveta no I.A., sala 55, Natasha Ulbrich Kulczynski, a modelo de minha série de retratos, Clarissa Reschke Martins, Giordana Cenci Dal Castel, e meu pupilo David Ceccon dos Santos ao lado de Marcelo.



Figura 32 – Turma, 11 x 34 cm, Fotogravura, 2015

A alegria estampada no rosto de todos esses metaleiros da gravura é multiplicada incontáveis vezes sempre que olho para a gravura impressa e ainda mais quando meu olhar cai sobre a placa de cobre onde foi gravada (fig.33). Considero esta fotogravura como a mais profundamente significativa do êxito obtido pela persistência nesta pesquisa através de muitas horas de dedicação ao ofício de gravar em metal. Eu a havia repetido quatro ou cinco vezes em 2013, ano da tomada fotográfica, mas nenhuma das placas me satisfez. Neste finalzinho de ano, arrumando as gavetas do atelier, encontrei um negativo xerocado na época, que havia sobrado, e na única e desprezenciosa chance consegui transferir plenamente a imagem, que foi gravada muito exitosamente também.

A sedimentação das vivências próprias é evidenciada nas gravuras resultantes. Meus afetos, meus gostos, minha memória. Meu olhar é atraído para algo enquanto estou caminhando na rua, por exemplo, então eu vou clicando de imediato e o faço várias vezes pois com o celular nunca sei como vão ficar as fotografias, geralmente estou sem meus óculos e, portanto, não as enxergo. Outras fotos são clicadas enquanto assisto a um filme ou um show musical em DVD, diretamente do aparelho de televisão, também com a câmera do celular que é um aparelho bem simples e comum, de poucos mega pixels. Mas fotografo a imagem em movimento. Não é foto estanque, pois preciso de alguma autoria, posto que nestes casos o cinegrafista seja o autor de toda a imagem, eu suponho.



Figura 33 – Placa Gravada da Turma, 11 x 34 cm

A fotogravura é um procedimento que permite a transferência de uma imagem sobre uma placa de cobre. A placa com a imagem pode ou não receber o grão de breu; em caso positivo o grão deve ser queimado e a seguir a placa é imersa no percloroeto de ferro, que servirá de mordente para gravar a imagem. Este banho leva em torno de 15 a 20 minutos, dependendo da concentração do percloroeto, de seu desgaste por usos anteriores e da temperatura ambiente, entre outros fatores. Depois de mordida a chapa deve ser muito bem lavada, secada e então está pronta para ser impressa. Todos os passos do procedimento de gravação e impressão requerem atenção. A gravura é uma amante caprichosa e exigente, portanto não vai com malandro.

Um resultado muito positivo pode ser apreciado quando na fotogravura alternativa se mescla a imagem fotográfica com a gravura em metal. Ao se observar a fotogravura de *Natasha com cabelo de mola*, (fig.31), é transmitida uma pureza do olhar magnetizante, como de resto todo o semblante estampado no papel torna-se atraente. A modelo, por certo, tem um rosto muito fotogênico, e as fotografias puderam captar expressões instigantes dando um ar de mistério e ampliando o poder de atração ao olhar. Mas tudo isso foi acrescido pelas marcas da gravura no papel, pois este trabalho instiga e difunde uma aura de inefável, de sonho. Os retratos de Natasha têm um poder determinado que é multiplicado nas fotogravuras; uma atmosfera de mistério que agrega antigo e novo e confunde o olho, atraindo o interesse e causando o desejo de se tornar a olhar, e de se olhar por mais tempo e com maior atenção. As fotogravuras envolvem, mas esta série de retratos da colega tem um fator a mais. Passou a representar todos os colegas do Instituto de Artes, quando as diferentes caracterizações que eu imprimir nas montagens de personagens para ela nas fotografias, puderam render retratos em fotogravuras bastante distintas da mesma pessoa. Memória sensitiva captada por expressões inconscientes de trabalho artístico, tornando possível a compreensão da experiência que já ocorreu ou a que ainda ocorrerá, pois está latente embora já se vislumbre.

A percepção de memórias transformadas em registros poéticos através das fotogravuras que apresento neste trabalho de pesquisa parte da análise da crise entre o que observo e fotografo como memória afetiva, onde sou o sujeito criador da

fotogravura, mas divido com alguém ou com algo a autoria, pois os motivos fotografados são coadjuvantes, e co-autores do resultado obtido quando imprimo a gravura. Mantê-los assim vivos na memória e tendo a presença física através da fotogravura e da placa de metal, me dá uma excelente sensação de prazer e segurança. Olhando cada gravura que faço percebo na sua existência a certeza de que é real e não simples fruto da imaginação. O vazio da saudade preenchido com memória palpável. Com fotogravuras. Gravado, eternizado e passível de ser dividido, multiplicado, compartilhado, preservado. Perene portanto. Não é, repito, fantasia da minha imaginação, mas a roupagem que dou à minha memória real. E está viva. E embora seja transformadora, pois parte de uma fotografia e se torna uma gravura em metal, é tão real como seu ponto de partida, que foi a imagem fotografada. Mesmo quando fotografei atores de filmes antigos, que viviam personagens, eram personagens reais. A Elis Regina estava viva em Montreux, num festival da década de setenta, quando aquelas imagens foram registradas em vídeo. A Natasha Kulczynski, que permitiu que eu interagisse no seu próprio trabalho de TCC, propiciou-me também o uso das fotografias que produzi em sua careca. E as imagens que eu fiz dela são igualmente reais e oníricas. Tentei reviver ludicamente as imagens que a minha avó me mostrava em sua caixa de preciosidades, composta por fotografias e daguerreótipos muito antigos. Tentei deixar a Natasha assim, antiga, como aquelas imagens de memória. E ela ficou realmente linda nas fotos e muito poderosa nas fotogravuras. A série de retratos da Natasha deveria ser continuada, pois existem fotografias outras, igualmente muito boas, que mereceriam ser gravadas para complementá-la. As fachadas dos prédios e das casas também têm alta significância para mim. A potência do desenho destes prédios é inegável, a forma e a linha das edificações, que muito provavelmente foram projetadas com requintes arquitetônicos elitistas na época de suas construções, mas que possuem a inegável capacidade de produzir manifestações de apreciação unânimes de sua potencial característica de beleza.

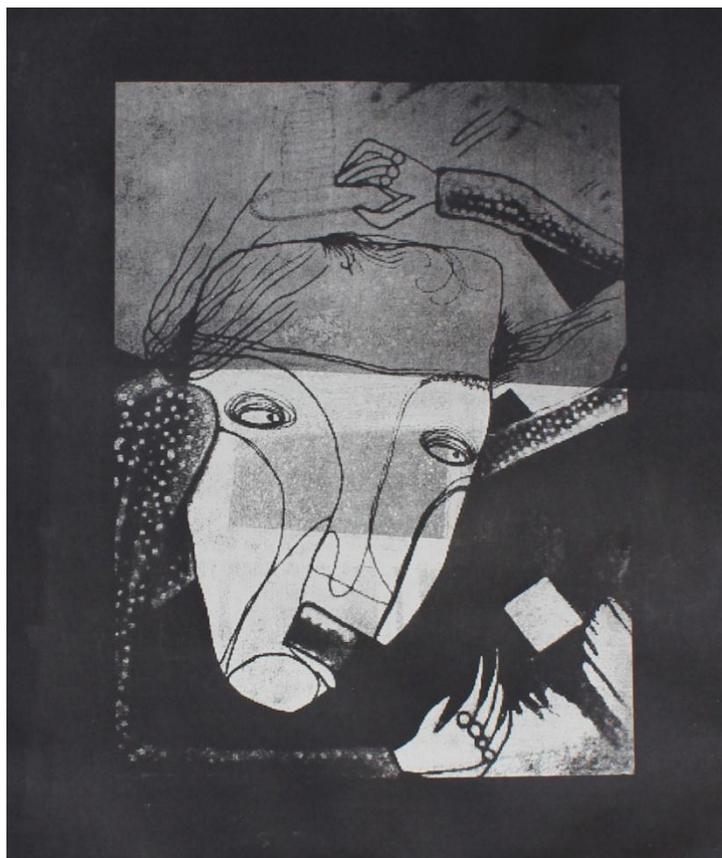


Figura 34 – Graffite da Praça Berta Starosta, 35 x 30 cm, Fotogravura, 2015

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A fotografia é uma imagem técnica, ela mesma, e quando usada como parte integrante de outra técnica, torna-se perfeitamente engajada, como na produção de minhas fotogravuras. O campo expandido pela fotografia na contemporaneidade pode e deve abarcar também a fotogravura, este viés da arte impressa possui aparência única que pode ser explorada de diversas maneiras.

Segundo Flusser¹⁴ a fotografia é um invento histórico tão importante como a escrita. Com a fotografia a arte também assume outros ares, com seu surgimento se dá uma cisão. É me valendo desta linguagem da fotografia irmanada com as benéncias da gravura que consigo criar minha própria linguagem na arte. E é através desta linguagem que a comunicação ocorre. A magia da fotografia mesclada com artifícios da ancestral técnica de gravura em metal pode propiciar elementos de impulso, conhecimento e trocas que inexistem em outras técnicas. Considero que nesta pesquisa obtive resultados muito proveitosos, que fatalmente irão se multiplicar com mais trabalhos e noutras

¹⁴ Flusser, Vilém, Per una filosofia della fotografia, B. Mondadori, Milano, 2006, pag.16

séries de fotogravuras que eu vier a produzir. Aprendi bastante, mas ainda restam pontos que precisam ter sobre si maior aprofundamento. Não pude exercitar, por exemplo, a impressão de fotogravuras em suportes tridimensionais, como intencionava no princípio deste projeto, e as poucas incursões de imprimir em suporte diferente do papel foram feitas em tecido. O resultado pode ser considerado satisfatório, mas deve haver uma enorme gama de tecidos a serem pesquisados. É trabalho que requer tempo.

Também considero que o uso de aplicativos transformadores da imagem fotográfica possa ser ampliado na busca de outros resultados de aparência na hora de transferir a imagem para a chapa de metal e efetivamente gravá-la. As possibilidades existentes têm um vastíssimo terreno a ser percorrido, por expansão desta alternativa técnica e por sobreposição de novos recursos fornecidos pela tecnologia no tratamento das imagens fotografadas. Muita novidade poderá surgir, e agregará valor considerável à gravura de fotografias.

A continuidade das pesquisas não depende de um esforço meramente físico. Há que se unir pensamento, sentimento e trabalho propriamente dito, para possibilitar a expansão almejada nos resultados obtidos com as fotogravuras que executei para apresentar nesta conclusão de curso. Existindo a partir de agora um conhecimento substancialmente maior da parte técnica, tendo sido agregados pequenos saberes que podem dar maior transparência na hora de eleger, preparar, transferir e gravar uma imagem fotográfica na placa metálica, bem como corrigir e evitar os defeitos e fracassos, posso assegurar que as futuras fotogravuras fluirão de forma rápida, deixando muito maior a possibilidade de acerto na escolha das séries pretendidas pela agilização do arcabouço de saberes.

Muito suor, muita tinta, muito papel, muita placa, muita fotografia e, principalmente, três semestres depois de eu ter iniciado a gravar fotografias pelo método alternativo, percebo que foi um tempo razoável, ainda que pouco representativo, mas bem usufruído contudo, pois posso afirmar que hoje consigo fotografar qualquer imagem. Ouso também afirmar que sou capaz de antever com alguma precisão qual imagem vai funcionar melhor no resultado impresso da gravura. As questões de gosto por gravuras mais ou menos escuras são facilmente resolvíveis, e o êxito com a chapa gravada me dá duas alegrias, pois muito maior do que ter a gravura editada impecavelmente, é o prazer de possuir uma chapa bem gravada. Quando estou limpando uma placa recém saída do banho de imersão no mordente, a satisfação é enorme e bastaria, eu poderia nem imprimi-la, não fosse a curiosidade de ver o resultado também no papel.



Figura 35 – Umbelina no Margs, 15 x 10 cm, Fotogravura, 2015

Os retratos de pessoas, sendo os mais virtuais colhidos por imagens eletrônicas dos filmes e DVDs e os reais feitos casualmente como o da Professora Umbelina Barreto (fig.35), sob seu imenso desenho exposto no Museu de Artes do Estado do Rio Grande do Sul, Margs, no início deste ano de 2015, ou produzidos com diversos personagens como os da Natasha, dão ímpeto para a continuidade das pesquisas em fotogravuras alternativas. Sinto-me compelida a aprofundar as pesquisas relacionadas ao uso de retratos produzidos como base de imagens a serem fotogravadas. Muitas novas idéias precisam ser experimentadas e postas em prática, como gravuras com outras intervenções, como o uso dela conjugado ao uso de ponta seca, monotípias, água tinta, sal, açúcar, enfim, toda a gama de possibilidades existentes ou ainda a se criar.

Observei, para a alegria dos que se interessam por arte impressa, que está havendo um incremento bastante considerável de alunos nesta instituição de ensino interessados em gravura em metal, e que estão surgindo aqui e acolá algumas feiras de

arte impressa, dando foco mais otimista para os gravadores no que tange à produção e conseqüentemente ao incremento de mercado desta arte no sistema. Parece que a gravura está sendo redescoberta e vai saindo aos poucos do limbo onde se refugiou nos últimos anos. Posso atribuir este fato ao sucesso de eventos internacionais envolvendo diversos países de três diferentes continentes, nos quais o Instituto de Artes participou como representante das Américas, com professores de gravura, alunos de pós-graduação e da graduação-, como o *Rapto da Europa*, em 2013, e *Rhinos are Comming*, em 2014, ambos sob a coordenação, no Brasil, da Dra. Maristela Salvatori. Também repercute o prosseguimento do trabalho com *Deambulações: entre Gravuras e Rinocerontes*, projeto envolvendo professores de fora do país, que dá continuidade ao mencionado anteriormente, agora conduzido pela Dra. Helena Kanaan, membro de minha banca e fundadora do recentemente criado Núcleo de Arte Impressa, NAI, no qual pude colaborar de forma modesta, que está igualmente sendo fator de divulgação destas artes gravadas, que têm no papel sua maior força de expressão.

Concluindo, posso me considerar, embora minimamente, co-responsável pelo crescimento no número de adeptos à gravura, pois estimulei muitas pessoas com meu entusiasmo contagiante e pela intensa freqüentação do atelier de gravura.



Figura, 36 – Sapato e pé, 10 x 12 cm, Fotogravura, 2013

REFERÊNCIAS

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. In: _____. Manual do Artista – etc. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013, pp193–201.

BENJAMIN, Walter, in A pequena história da fotografia, p.94, In: Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas, V.1, Brasiliense, 3ªed., 1987.

BOZAL, V. Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporaneas, V.I e V.II, Madrid, 2002.

BULHÕES, Maria Amélia. (org.) Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Pesquisas Recentes. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

CATAFAL, Jordi e OLIVA, Clara, A gravura. Editorial Estampa, Lisboa, 1ª edição, 2003.

FLUSSER, Vilém. Per una filosofia della fotografia. B. Mondadori, Milano, 2006,

NETO, João Cabral de Melo. Habitar o tempo. In: A educação pela pedra e depois. Nova Fronteira, 1997.

SCHLEGEL, A, W. Die Kunstlehre, E.Lohner Ed., V.1, Stuttgart, 1963.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A organização da vida de estudos na Universidade/ A documentação como método de estudo pessoal. In: ____ Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002, pp.23-43.

SCHOPENHAUER, Arthur. A arte de escrever. L&PM, Coleção pocket, V.479, 2007.

TARKOVSKY, Andrei. Esculpir o tempo. Martins Fontes, 1998.

ZAMBONI, Silvio Perini. A pesquisa e arte: um paralelo entre arte e ciência. São Paulo: Autores Associados, 2012.

Endereços eletrônicos:

- enciclopédia.itaucultural.org.br/pessoa8626/ (visitado em 30 de junho de 2015)

http://www.puf.com/Auteur:Hubert_Laizè (visitado em 31 de outubro de 2015)

www.kamane.lt/Kurejai/.../Egidijus-Rudinskas-grafik (visitado em 30 de junho de 2015)

ANEXOS

Alguns registros fotográficos do processo:



Impressões de mosca grande feitas em tecido voal; experimentos devem ser continuados.





A cópia transferida para a placa de cobre, e a placa de cobre de molho na água para a remoção total do papel aderido ao thonner.



A fotografia não negativada ainda, a placa gravada, imersa na água e a impressão da gravura. Abaixo, imagem da gravura recém impressa ao lado da fotografia.





Acima os dois negativos que fiz da fotografia, a o lado da cópia não usada a cópia que teve a imagem totalmente transferida do papel para a placa de cobre.

Abaixo a placa com o thonner transferido, a placa já gravada e a impressão da gravura.



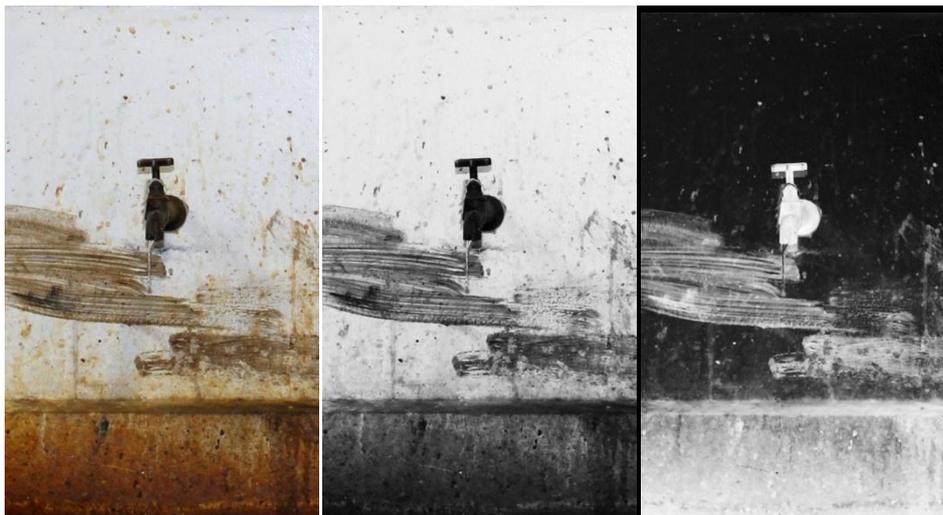
Acima, as duas placas gravadas, e abaixo a modelo Natasha segura as impressões das gravuras escura e clara.



Chapa da turma com a imagem transferida.



Foto da turma já gravada plenamente na chapa de cobre.



A foto colorida da torneira da sala de gravura, a foto em preto e branco em seguida a cópia transformada já em negativo, ou seja, com a inversão de cores. Este negativo não foi invertido, portanto a gravura resultante estará ela mesma invertida.



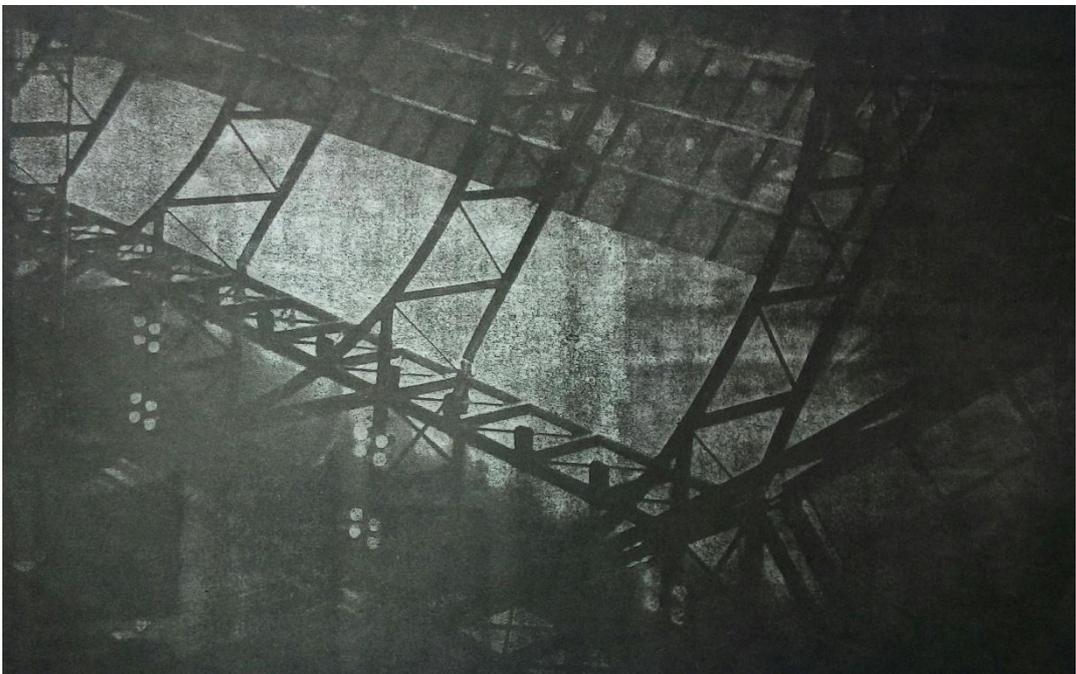
Espalhando as placas de cobre sobre a mesa do atelier para eleger o que iria ser impresso.



Atelier de gravura, as sobras de cobre vão se acumulando no corte de ajuste das placas.



Fotografia e fotogravura de alguns carimbos do Rhinos.



Fotogravura invertida das estruturas do Shoping Moinhos de Vento, 21 x 32 cm, 2015



Trabalhos espalhados no atelier para o escrutínio de minha orientadora.

Porto Alegre, 09 de dezembro de 2015